



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH CAMPUS/IV- JACOBINA-
BA LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

Angela de Souza Carvalho
Naiara de Moraes França Angelo

A ATUAÇÃO DAS MINERADORAS NO DESENVOLVIMENTO LOCAL DA
CIDADE DE JACOBINA – BAHIA.

Jacobina- Ba

2016

Angela de Souza Carvalho
Naiara de Moraes França Angelo

**A ATUAÇÃO DAS MINERADORAS NO DESENVOLVIMENTO LOCAL DA
CIDADE DE JACOBINA – BAHIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA –
UNEB, Departamento de Ciências Humanas –
DCH, Campus IV Colegiado de Geografia, como
parte dos requisitos para obtenção do grau de
Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Ma. Jorima Valoz dos Santos

Jacobina -Ba
2016

Angela de Souza Carvalho
Naiara de Moraes França Angelo

**A ATUAÇÃO DAS MINERADORAS NO DESENVOLVIMENTO LOCAL DA
CIDADE DE JACOBINA – BAHIA.**

Monografia submetida à Comissão Examinadora da Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Campus IV, Jacobina-Ba, como parte dos requisitos necessários para obtenção da graduação do curso de Licenciatura em Geografia.

Composição da banca Examinadora:

Professora Orientadora: Ma. Jorima Valoz dos Santos
UNEB - DCH IV

Professora: Ma Ivaneide Silva dos Santos
UNEB - DCH IV

Professora: Ma Gislene Maria Mota dos Santos.
UNEB - DCH IV

Aprovado em _____ de _____ 2016.

Jacobina – Ba

Dedicamos esse trabalho às nossas famílias,
em especial, filha, e sobrinhos, aos quais
desejamos um futuro brilhante.

AGRADECIMENTO

A Deus, por nos presentear com a dádiva da vida, e não ter nos abandonado em momento nenhum nessa cansada e difícil jornada. A Ele, nossa incansável fé.

Às nossas famílias, por partilharem dos nossos momentos de angústia e desespero, sempre nos impulsionando para frente com palavras de otimismo, “vai dar certo”, “vocês vão conseguir”.

A nossa professora orientadora Jorima Valoz, que não nos deixou desistir do tema abordado nesta pesquisa.

A professora Ivaneide Silva pelas valiosas contribuições.

A inigualável turma de Licenciatura em Geografia 2011.1, fundamentais para a nossa conquista, em especial Calinda Maria dos Santos e Danuzia Xavier de Jesus que nos ajudaram a persistir nessa caminhada de ensino superior desde o início do curso, nos motivando sempre nos momentos difíceis.

Aos comerciantes, que dedicaram parte do seu tempo para responder o questionário, em especial aqueles que permitiram a entrevista gravada ou que se disponibilizaram a responder as questões pessoalmente de forma a esclarecer algumas dúvidas, dúvidas estas que ajudaram a compor os resultados alcançados.

E a todos que direta ou indiretamente nos ajudaram a crescer nesse árduo trajeto da formação docente.

O nosso muito obrigada!

Devemos nos preparar para estabelecer os alicerces de um espaço verdadeiramente humano, de um espaço que possa unir os homens para e por seu trabalho, mas não para em seguida dividi-lo em classes, em exploradores e explorados; um espaço matéria-inerte que seja trabalhada pelo homem, mas não se volte contra ele; um espaço natureza social aberta à contemplação direta dos seres humanos, e não um fetiche; um espaço instrumento de reprodução da vida, e não uma mercadoria trabalhada por mercadoria, o homem fetichizado.

Milton Santos (1982)

RESUMO

Analisar a atuação das mineradoras no Desenvolvimento Local da cidade de Jacobina - Bahia é o principal objetivo deste trabalho. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico acerca dos conceitos de Desenvolvimento Econômico e Desenvolvimento Local, além de um levantamento histórico da citada cidade. Através de uma abordagem quantitativa e qualitativa desenvolveu-se uma pesquisa de campo, com a realização de entrevistas e aplicações de questionários a alguns comerciantes da cidade, com a intenção de que estes fornecessem subsídios suficientes para que fosse possível, de maneira não generalizada, responder o questionamento que levou a produção do trabalho “A mineradora, traz um desenvolvimento Local, real e efetivo para a cidade de Jacobina - Bahia?”. Com os dados coletados efetuaram-se comparações dos mesmos com os conceitos e seus indicadores. A pesquisa revela que a mineradora contribui intensamente para a economia local, principalmente para o comércio, desse modo, produz uma intensa influência no desenvolvimento econômico do lugar. Entretanto, no que se refere ao Desenvolvimento Local as influências ainda são distantes.

Palavras chaves: Comércio. Desenvolvimento Local. Mineradora.

ABSTRACT

The main goal of this work is to analyze the influence of the mining company on the Local Development of Jacobina, a city located in Bahia. For this purpose, a literature review about the concepts of Economic Development and Local Development was performed and a historical survey of the mentioned city was carried out. Through a qualitative and quantitative approach, we developed a field research that was conducted through interviews and questionnaires applications to some shops in town. So that, they could provide enough information to make it possible, not in a widespread way, to answer the central question that led us to the production of the work "The mining company brings a real and effective local development for the city of Jacobina - Bahia?". Comparisons between the collected data and the previously mentioned concepts and its indicators were made. The research reveals that the mining industry heavily contributes to the local economy, especially for trade; thereby it produces an intense influence on the economic development of the place. However, with regard to Local Development, its influences are still not enough.

Keywords: Commerce. Local Development. Mining Company.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE JACOBINA-BA	32
Figura 2- Localização Da Mineradora- YAMANA.....	36
Figura 3- Cacau Show	45
Figura 4 - Lojas Americanas	45
Figura 5 – Subway.....	46
Figura 6- Praça Rio Branco 1962.....	46
Figura 7- Praça Rio Branco 2016.....	47

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Mudanças na cidade de Jacobina, em 1997, quando a MMV fechou.	39
Gráfico 2- A influência da mineradora no comércio da cidade de Jacobina.	41
Gráfico 3 - Contribuições Da Mineradora Para o DL de Jacobina.	43
Gráfico 4- Contato da mineradora com agentes externos a empresa.	55
Gráfico 5- Impacto no comércio e na cidade de Jacobina se a mineração fechasse atualmente.....	56

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 – Dimensões afetadas positiva, negativamente ou não afetadas pela mineradora na cidade de Jacobina.....	50
Quadro 1- Projetos Culturais desenvolvidos pela Yamana Gold.....	52
Quadro 2- Projetos Sociais desenvolvidos pela Yamana Gold.....	52

LISTA DE SIGLAS

BNDES - Banco Nacional do Desenvolvimento

DL- Desenvolvimento Local.

DLIS - Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável

HRVG - Hospital Regional Vicentina Goulart

HMATS - Hospital Municipal Antonio Teixeira Sobrinho

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas.

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

MMV - Mineradora Morro Velho

ONG - Organizações Não Governamentais

PIB – Produto Interno Bruto

SUS - Sistema Único de Saúde

UNIGEO - Geologia de Mineração.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 CONCEPÇÕES ACERCA DO CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO E DESENVOLVIMENTO LOCAL.....	17
1.1 Evolução do Conceito de Desenvolvimento.....	18
1.2 Desenvolvimento Local – DL.....	21
1.3 Desenvolvimento Local no Brasil.....	26
2 A CIDADE DE JACOBINA E O SEU DESENVOLVIMENTO ATRELADO À EXPLORAÇÃO AURÍFERA	29 _Toc457973765
2.1 Histórico, Descrição e Localização do Município.....	29
2.2 Jacobina e seu Vínculo com o Ouro	32
3 A ATUAÇÃO DAS MINERADORAS NO DESENVOLVIMENTO LOCAL DA CIDADE DE JACOBINA – BAHIA.....	35
3.1 O fechamento da mineradora no período de 1997-2004 e seu impacto no comércio e na vida da população de Jacobina	38
3.2 Contribuições das Mineradoras para o comércio de Jacobina.....	40
3.3 Contribuições da Mineradora para o DL na cidade de Jacobina.....	42
3.3.1 Projetos realizados pela Yamana Gold na cidade de Jacobina..	51
3.4 O futuro de Jacobina sem ser subsidiada pela mineração – visão dos comerciantes.	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS	62
APÊNDICE.....	64

INTRODUÇÃO

O Desenvolvimento Local (DL) tem suas manifestações no decorrer da história humana, uma vez que todo desenvolvimento é local (FRANCO, 2000). Os trabalhos relacionados ao tema, em sua maioria, são contraditórios, pois, alguns atrelam o desenvolvimento local totalmente a economia, outros apontam como apenas uma melhoria na qualidade de vida, demais ampliam as visões mostrando que somente a soma das vertentes, econômica, social, cultural e ambiental, conseguiriam de fato se consolidar num DL.

Jacobina, objeto de estudo deste trabalho, é uma cidade de porte médio, localizada no interior da Bahia, que desde seus primórdios possui uma estrutura calcada no metal precioso existente e abundante, o ouro, sua principal potencialidade. A partir de intervenções para a extração do metal por mineradoras, Jacobina percebe um aquecimento comercial, o qual refletiu na economia da cidade como um todo.

Por conseguinte, a chegada de uma Mineradora, em 1979, com tecnologias de ponta, para a época, provocou na cidade de Jacobina um grande desenvolvimento econômico e mudou a rotina da população. Mais precisamente no ano 1980 inicia-se a extração, aurífera em Jacobina pela Anglo American, responsável por implantação da atual planta de beneficiamento. Esta empresa era uma associação de uma empresa nacional com uma internacional, com sede na África do Sul e conhecida em Jacobina como Mineradora Morro Velho S/A – MMV.

A partir deste instante Jacobina assumiria um papel importantíssimo a nível regional, com a distribuição de bens e serviços. A cidade passa a ser alvo de “imigração” de pessoas de todas as partes do país o que gerou um alargamento em seu espaço urbano, com inúmeras residências construídas em bairros periféricos. Nesse período, a MMV, abarca a condição de ser promotora do “desenvolvimento”, quando possibilita o ingresso de parte da sociedade para o mercado de trabalho, e ainda consegue atrair e alavancar o comércio local, alçando também empregos e rendas. Desse modo, Coelho (2001 apud SILVA, 2008, p.34) considera o desenvolvimento econômico local, como a construção de um ambiente produtivo inovador, no qual se desenvolvem e se

institucionalizam formas de cooperação e integração das cadeias produtivas e das redes econômicas sociais.

Em meio a essa economia aquecida, os valores de alimentação bem como o custo de vida se elevam na cidade, os aluguéis ficam com preços altíssimos, somado a isso, desenvolve-se a caracterização espacial da cidade, periferias e bairros nobres. Na época, muitos conseguiram se estabelecer economicamente, uma parte da sociedade civil se manteve através do que conseguiu nesse período que a MMV esteve em funcionamento, mas pode ser observado também que a maior parte da população esteve à mercê daqueles que se desenvolveram.

É importante esclarecer que, em geral, o principal objetivo do Desenvolvimento Local é sanar as desigualdades sociais, trazendo toda a sociedade local para uma participação efetiva no desenvolvimento, buscando melhorias na condição de vida de toda população do lugar, o que não aconteceu na cidade de Jacobina, pois no período em que a MMV esteve funcionando, apenas alguns se beneficiaram. Franco (2000) esclarece que um desenvolvimento pautado apenas na economia sem levar em conta os fatores mencionados acima está longe de se relacionar ao “Desenvolvimento local”.

Com o fechamento da mineradora, em 1997, a cidade passa por uma “crise”, ocorrida devido à mesma basear-se nessa única fonte de desenvolvimento e crescimento, já que nesse período o aquecido comércio era fomentado pelos impostos e movimentação de empregados da empresa. Nessa época, toda a população principalmente comercial anseia por uma reabertura da mineradora.

Então, no ano de 2004 a empresa volta as suas atividades, mas agora administrada pela empresa canadense Willian Resources, que mais tarde, no ano de 2006 foi vendida para a atual proprietária Yamana Gold que tem base no Canadá e possui escritório corporativo em São Paulo. Atualmente é reconhecida como uma das maiores empresas produtoras de ouro do mundo, mais conhecida na cidade através do codinome Jacobina Mineração de Comércio – JMC.

Inferindo que os principais indicadores do DL são ambientais, sociais, culturais e econômico, que conseqüentemente esse modelo de desenvolvimento defende um desenvolvimento local distanciado de uma visão unitária, de cunho

político partidário, que almeje apenas um desenvolvimento econômico, e sim, pautado num conjunto de fatores que com a participação social leve um determinado local a uma melhoria na qualidade de vida igualitária além, é claro, do crescimento econômico, buscaremos responder a especulação que calçou o presente trabalho: A mineradora, traz um desenvolvimento Local, real e efetivo para a cidade de Jacobina - Bahia?

A pesquisa possui abordagem quantitativa e qualitativa, a primeira está relacionada com a mensuração de dados, a segunda caracteriza-se pela descrição e análise de fatos. Segundo Kauark; Medeiros; Manhães (2010 p. 26-27) sobre pesquisa quantitativa, “considera o que pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las”. E sobre pesquisa qualitativa “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (Idem). Exatamente por estas duas abordagens serem distintas é que se faz necessário a utilização das mesmas. Uma de forma a quantificar as opiniões, outra para levar em consideração as subjetividades das respostas, visto que nada é tão exato como se imagina e o problema de uma pesquisa não deve ser apenas enumerado, mas sim analisado de forma que possa ser levada em consideração a opinião do sujeito a respeito do fato em questão.

Sobre trabalhar com as duas abordagens em uma mesma pesquisa Goldenberg saliente que:

A integração da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular. (GOLDENBERG 2004, p. 62).

A autora ainda complementa que a combinação de diversas metodologias “tem por objetivo abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do objeto de estudo”. (p. 63). Desta forma fica evidente a relevância em trabalhar com metodologias distintas, visto que a possibilidade de chegar mais próximo da realidade pesquisada é maior.

Com base nos dois tipos de abordagens citados, foram realizadas entrevistas com alguns comerciantes bem como um pequena com alguns

moradores da cidade para que pudéssemos analisar de forma mais perspicaz o tema abordado.

Para fundamentação teórica foram utilizados tanto livros e artigos, com também fontes orais as quais assistiram esse trabalho.

Desse modo, o conceito de DL foi minuciosamente traçado para a produção de um questionário que serviu de base para entrevistas realizadas, através de uma atividade de campo, no comércio da cidade. Sempre que possível, as entrevistas foram gravadas, quando não, eram deixados questionários, onde esses se valiam de perguntas abertas e fechadas, na intenção de conhecermos melhor as ideias dos entrevistados. Os estabelecimentos também foram cuidadosamente selecionados numa listagem na qual continha comércios com datas de abertura há 19 anos ou mais, com o propósito de entrevistar aqueles que conseguiram vivenciar os momentos pertinentes a nossa pesquisa, fechamento e reabertura da mineradora. O mesmo questionário, foi remoldado de maneira que pudesse atender a população em geral, assim entrevistamos também oito (8) moradores da cidade, procurou-se variar desde a faixa etária até o campo de trabalho destes indivíduos para que fosse possível ver o olhar de cada um e analisar vários ângulos de maneira que possa compor as experiências dos comerciantes.

Esta pesquisa é de grande relevância, pois a partir da mesma é possível perceber não apenas a contribuição econômica decorrida da abertura das mineradoras, com a geração de emprego e renda, mas também é discutido qual é a contribuição da mesma para a melhoria na qualidade de vida da população jacobinense, bem como a participação na promoção de cultura, e projetos sociais, além da participação da mesma com a política local e com a população, a fim de verificar se existe um envolvimento em busca de um desenvolvimento local efetivo.

Além do mais, existiu-se uma dificuldade de encontrar bibliografias, sendo assim, a mesma servirá de base para outros trabalhos que busquem aprofundar a temática.

O trabalho é constituído por três capítulos, nos quais tentaremos evidenciar algumas conceituações, quadros históricos, pesquisas de campo e suas análises.

No primeiro capítulo foram trabalhadas as temáticas acerca do Desenvolvimento e Desenvolvimento Local, uma breve discussão com entrelace de alguns autores, como surgiu, o que prega o conceito, pontos de vista, mundialmente e no Brasil, na tentativa de fazer-se compreender os conceitos bem como distingui-los, apontando sua evolução ao longo do tempo, para que desta forma possamos compreender o local estudado.

No segundo capítulo, buscou-se abordar, através de uma narrativa da história da cidade de Jacobina, o vínculo com o ouro desde o seu “surgimento”, sua localização e descrição, além de evidenciar alguns acontecimentos e aspectos relevantes que contribuam para o entendimento do conteúdo.

O terceiro capítulo apresenta as análises obtidas a partir das entrevistas realizadas, estabelecendo conexões entre os aspectos que mais se enquadram dentro das concepções, tentando mostrar o possível desenvolvimento local em Jacobina, observados pelos comerciantes locais. Os resultados da pesquisa foram abordados através de quadros, tabelas e gráficos. Utilizaram-se também, citações das falas dos entrevistados para auxiliar na confirmação dos resultados.

E por fim, nas considerações finais, apresentando os resultados do trabalho, o que pôde ser observado no desfecho analogicamente do que se havia pensado inicialmente, quando o tema foi definido.

1 CONCEPÇÕES ACERCA DO CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO E DESENVOLVIMENTO LOCAL

O conceito de desenvolvimento perpassa por gerações, desde os primórdios pode-se observar a necessidade do desenvolvimento na busca por uma melhoria coletiva, seja na alimentação, moradia, vestimentas, espaços para a sobrevivência, e outros. Atrelado à evolução humana, o termo em questão, denota progresso, progresso esse que, principalmente, com o advento da industrialização se condiciona, sem querer aqui generalizar, à economia, e tem esta, como única vertente do desenvolvimento. Sendo assim, o desenvolvimento se baseia em acúmulo de riqueza, de capital financeiro, mesmo sem ter um controle de como este capital é investido, onde e como, ou até mesmo, se é investido.

Contudo, os estudos apontam que o desenvolvimento em sua complexidade não se restringe apenas a uma vertente, a econômica, pelo contrário, também são levadas em consideração as dimensões ambientais, sociais e culturais, as quais em conjunto com o econômico proporcionariam o desenvolvimento efetivo dentro de uma comunidade.

Quando esse desenvolvimento é pensado e promovido, a partir de particularidades de um dado local, sejam potenciais naturais, sociais ou outros, e quando certas potencialidades podem ser dinamizadas como, por exemplo, o nível educacional da população, podemos chamá-lo de Desenvolvimento Local (DL), que por sua vez, busca a participação da comunidade, onde os resultados dessa pesquisa beneficia a própria comunidade, a união desta traz a cooperação para o seu desenvolvimento.

Pode-se então perceber, que nem o desenvolvimento nem tampouco o DL podem ser entendidos ou relacionados apenas com a economia de uma determinada localidade, tão pouco com a sua geração de emprego e renda, mas, devem sim, estar condicionado a um conjunto de fatores que, com a participação da sociedade leve o local a uma melhoria na qualidade de vida coletiva, onde todos tenham acesso as riquezas ali produzidas, a lazer, saúde, educação e outros.

Desta forma, serão abordadas nos tópicos a seguir algumas concepções do conceito de desenvolvimento e desenvolvimento local enfatizando a complexidades dos termos.

1.1 Evolução do Conceito de Desenvolvimento

De acordo com o dicionário Michaelis a palavra Desenvolvimento tem como significado, “[...] **1** Ato ou efeito de desenvolver. **2** Crescimento ou expansão gradual. **3** Passagem gradual de um estágio inferior a um estágio mais aperfeiçoado. **4** Adiantamento, progresso.[...]” (DICIONÁRIO MICHAELLIS). Assim, o desenvolvimento pode ser percebido desde os primórdios, na vivência do homem com a comunidade que possibilitou um avanço em suas técnicas de sobrevivência, e com o passar do tempo trouxe para gerações futuras um acúmulo de conhecimentos e aperfeiçoamento destes, conduzindo-os a formação e ampliações culturais. Diante de tais fatos podemos nos certificar que:

Desenvolvimento compreende, antes de mais nada, um processo que permeia a história de cada sociedade, que envolve todos os tipos de avanço, retrocessos, conflitos e pactos entre os atores envolvidos, e que gradualmente ao longo do tempo, permite um incremento na qualidade de vida da população. (BROSE, 2002, p.208 apud SILVA, 2008, p. 32)

As sociedades contemporâneas, por sua vez, trazem consigo interesse a um acúmulo, não apenas de conhecimentos ou cultura, agora almejam acumular riqueza através de um desenvolvimento consolidado no econômico. Contudo, a transformação em busca de progresso, realizada pelas mais atuais comunidades que analisam apenas a ótica da moeda, buscando a cada dia o desenvolvimento de mecanismo que facilitem a vida das pessoas, ou de determinado grupo, acabam omitindo outras vertentes as quais o desenvolvimento tem a oferecer.

Vários debates sobre desenvolvimento iniciados em 1970 foram e são realizados. Com isso a ampliação do conceito mudou e vem mudando com o tempo, a maioria desses debates discute sobre alternativas de desenvolvimento, utilização de recursos, meio ambiente, e outros.

Cabe ressaltar, que distintas são as áreas que abordam a questão do desenvolvimento e apesar da palavra ecoar significativamente para a economia é necessário que possa sobrepor a esse sentido uma conotação social a qual consiga ampliar uma visão, restrita a valores, para que seja capaz de alcançar qualidade de vida.

Santos (2009) citando Andion (2003), explica que na Antiguidade Clássica a ideia de desenvolvimento buscava atender as necessidades humanas buscando alcançar o bem-estar para todas as pessoas, reparando as desigualdades que existiam na sociedade através de uma harmonia social, onde o interesse individual estava condicionado ao projeto do todo. Nesse contexto, o que é retratado hoje como dimensões do desenvolvimento a economia, o social, a cultura e o ambiente eram amplamente considerados na época. Desta forma, Santos (2009, p. 35), sobre desenvolvimento, salienta que “[...] poderemos ter um desenvolvimento que conjugue crescimento econômico com melhora das condições de vida de toda a população, utilizando os recursos naturais de forma equilibrada e valorizando a vida”.

No entanto, a chegada do capitalismo permitiu mudanças, pois as necessidades de crescimento e de expansão principalmente industrial, na maioria das cidades fizeram com que o capital financeiro se sobrepusesse a qualquer outra vertente do desenvolvimento. Nesse instante o que predominava era a aflição por recursos financeiros, por acúmulo de capital, independente de como esse capital era distribuído, ou pelo menos se existia a distribuição.

Logo, existe um questionamento acerca do modelo de desenvolvimento adotado pela maior parcela da sociedade contemporânea, que ainda, possui como base, o lucro além do consumismo. É inegável a importância econômica dentro do conceito em questão, contudo é altamente necessário que, essa economia seja intencionalmente destinada a objetivos pré-estabelecidos, tais como: educação, saúde, lazer e outros, nos quais juntos irão trazer uma qualidade de vida para uma população. Dessa forma, não basta pensar apenas no Produto Interno Bruto - PIB, pois essa medida de valor, relacionada a bens e serviços de determinado local, que tem como objetivo medir a atividade econômica como também o nível de riqueza da população, que relaciona produção com consumo, investimento e venda, subestima o todo, uma vez que

nem sempre a totalidade de uma determinada sociedade está atuando nem tampouco usufruindo da riqueza nem dos bens ali produzidos, assim, “[...] o desenvolvimento deve refletir o progresso da sociedade como um todo, em suas múltiplas dimensões e não apenas na dimensão econômica” (MARTINELLY; JOYAL, 2004, p. 52).

Sachs (2004), dentro dessa questão, ainda menciona que:

O crescimento, mesmo que acelerado, não é sinônimo de desenvolvimento se ele não amplia o emprego, se não reduz a pobreza e se não atenua as desigualdades, conforme enfatizado, desde os anos 1960, por M. Kalecki e Dudley Seers. (SACHS, 2004, p. 14, apud SANTOS, 2009, p.30).

Assim, Desenvolvimento pode ser considerado, como o progresso de determinada sociedade que deve levar em consideração não somente o aspecto econômico, mas, também outras vertentes do desenvolvimento tais como: social, ambiental e cultural, tentando não colocar nenhuma dimensão em detrimento das outras, mas sim mantendo certo grau de autonomia umas em relação às outras. Franco (2000, p. 36) acredita que “desenvolvimento só é desenvolvimento mesmo, se for humano, social e sustentável.” Ele relaciona desenvolvimento com melhora na qualidade de vida de todas as pessoas, ou seja, um desenvolvimento humano. Salientando a necessidade de conseguir aumentar o grau de acesso das pessoas a renda, a riqueza, conhecimento, poder e outros, para que elas se capacitem para poder influir em decisões públicas, mas, acredita não ser fácil.

Fischer (2002) acrescenta ainda que existem dois sentidos e significados distintos para “desenvolvimento”: a orientação para a competição e a orientação para a cooperação ou solidariedade. Em outras palavras, Franco (2000, p.32) explica que quando um local se compara com os demais, automaticamente existe a ideia de competição, já no que diz respeito à cooperação, ele afirma que sem ela não existirá o desenvolvimento, já que ela forma uma comunidade.

Diante de tais fatos, percebe-se que, realça-se uma necessidade de pensar e planejar o desenvolvimento para que este, por sua vez, não atinja negativamente nenhuma de suas dimensões. Nessa perspectiva surge o Desenvolvimento Local que por sua vez irá pensar estreitamente o desenvolvimento, planejando-o na tentativa de colocá-lo em prática em sua

amplitude, a partir de recursos locais, onde venha tentar sanar possíveis problemas que afetam e afastam parcelas da sociedade, implementando uma atração, fazendo sobressair o trabalho em conjunto, onde muitos trabalhando com o mesmo propósito desenvolverão a cooperação em seu ambiente de vivência em comum.

1.2 Desenvolvimento Local – DL

Algumas pesquisas apontam que o Desenvolvimento Local começa a se expandir com a descentralização da administração dos Estados modernos dentro de estratégias de desenvolvimento de políticas públicas, nesse caso a municipalização. Diante disso, cada lugar começa a ser tratado a partir de suas particularidades e seu desenvolvimento pode ser pautado naquilo que mais o lugar tem a oferecer. Outros acreditam que se iniciam com a crise do taylorismo no pós-guerra que força a população desenvolver, acima de tudo, cultura (MARTINS; CALDAS, 2009, p. 72) alguns, até enquadram a teologia da libertação como a introdução do desenvolvimento local, principalmente na América Latina, entre outros.

Segundo Brose (2002, p. 208 apud SILVA, 2008, p. 32) abordagens como “uma nova forma de intervenção”, “uma nova metodologia de ação”, “uma nova proposta de atuação do setor público” não conseguem satisfazer a ideia de Desenvolvimento Local, uma vez que esses termos indicam um crescimento econômico quando na verdade o cerne do tema, no qual a maioria dos pesquisadores comunga, é de que o Desenvolvimento Local tem o propósito principal a busca por uma melhor qualidade de vida dentro do local e que esse desenvolvimento seja oriundo da comunidade, e não de setores públicos, o que, como Silva (2008) acredita, acaba criando laços de afetividade entre o homem e o meio fazendo da sociedade e do ambiente um prolongamento do seu lar. Sendo assim:

Não se pode mais simplesmente considerar índices isolados, como renda *per capita*, para indicar o grau de desenvolvimento de uma sociedade, visto que o complexo sentido do conceito deve abranger toda expressão do termo humanidade. (MARTINELLI; JOYAL, 2004, p. 52).

Silva (2008) vem explicar que projetos de desenvolvimento tradicionais visam o macroeconômico deixando de lado algumas ações essenciais para que exista um desenvolvimento efetivo no local, a exemplo da participação social, distribuição de riqueza e preservação do meio ambiente, aliás, é importante ressaltar que Desenvolvimento Local principalmente na atualidade está intrinsecamente relacionado à sustentabilidade, ações que são consideradas, através de debates, de suma importância para um desenvolvimento.

Segundo Franco (2000), muitas das pessoas que falam sobre o Desenvolvimento Local na verdade estão, na maioria das vezes, engajadas num desenvolvimento econômico local, contudo ele ressalta que essas pessoas, “não desconfiam que o crescimento econômico, por si só, pode aumentar, simultaneamente, o número de ricos e o número de pobres, mantendo, ou até alargando, o fosso entre eles” (FRANCO, 2000, p.14).

Enfim, como afirma Silva (2008) se faz necessário incorporar não somente o crescimento econômico, mas também a inclusão social apesar de existir autores que enfatizam exclusivamente o fator econômico e outros apenas o social.

Outra questão bastante pertinente ao tema é o conceito de Local, muitas vezes relacionado à certa diminuição, contudo Franco (2000) nos afirma que de certo modo todo desenvolvimento é local, pois, segundo Martins e Bosco (2002) no caso do desenvolvimento, o local refere-se a escala das inter-relações pessoais da vida cotidiana que sobre uma base territorial constroem sua identidade podendo ser definido a partir de um bairro, um vilarejo, distrito, um município, microrregião ou até mesmo a região de um país ou parte do mundo, região essa que possa desenvolver questões de fomento territorial em comum, que anseie de limitações e potencialidades peculiares que favoreçam o desenvolvimento de um dado local. Sendo assim:

A palavra local, aqui, não é sinônimo de pequeno e não alude necessariamente à diminuição ou redução. O conceito de local

adquire, pois, a conotação de alvo socioterritorial das ações e passa, assim, a ser redefinido como o âmbito abrangido por um processo de desenvolvimento em curso, em geral quando o processo é pensado, planejado, promovido ou induzido. (FRANCO, 2000, p. 27).

Em outra indagação os autores também conjecturam de forma diferente, alguns pensam em um desenvolvimento que parte do poder local, através de aplicações e de incentivos, outros de gestores e até quem pense num desenvolvimento local que possa emergir da elite social. Por outro lado, existem aqueles que acreditam que essa ação parta da população, da sociedade como um todo, através da organização, onde essa é que produzirá tal desenvolvimento.

Dentro dessa discussão é que surge a ideia de como se aflora o Desenvolvimento Local, mais uma vez os autores são controversos, uns analisam a ação de cima para baixo, no caso dos gestores, outros creem que surge de baixo para cima como aponta Silva (2008, p.33): “A capacidade de decidir sobre esse desenvolvimento não é de exclusividade do Estado ou das elites econômicas. Enxerga-se na sociedade civil, o principal ator no processo de construção coletiva”.

Em todo caso, ao pensar Desenvolvimento Local, são necessário que seja colocado em evidência as potencialidades locais, sejam elas de qual for a esfera: política, social, ambiental, natural, etc. Sendo, estas potencialidades locais, pré-existentes ou que necessitem de estímulos, a exemplo da mão de obra, matéria prima, infraestrutura, entre outros, as quais oriundas do local, fará com que a vertente social que almeja, entre outros, a qualidade de vida para a população local direta ou indiretamente seja alcançada, desencadeando um processo de alcance das demais vertentes.

Franco (2000) salienta que é necessário tornar as potencialidades dinâmicas, mas:

[...] para que isso aconteça é preciso a reunião de vários fatores. Por exemplo, o nível educacional da população. A existência de pessoas com condições de tomar iniciativas, assumir responsabilidades e empreender novos negócios. A decisão do poder local e de outros níveis de governo de apostar em um caminho de mudanças. Sim, porque desenvolver implica sempre mudar. E é preciso também a participação da sociedade. (FRANCO, 2000, p. 28-29).

Logo, o Desenvolvimento Local pode ser considerado endógeno, ou seja, partir de condições internas, sendo assim:

[...] tipo de desenvolvimento iniciado e organizado de dentro para fora das localidades, conferindo mobilização aos atores locais, para extrair o máximo de suas ações através da otimização dos recursos de capital, de trabalho e de instituições locais, assim como de infraestruturas físicas de uma determinada área, em vez de esperar ou tentar atrair empresas e investimentos externos para impulsionar o crescimento econômico local e gerar empregos. (MARTINELLI; JOYAL, 2004, p. 68)

Algumas visões privilegiam a atração de recursos externos para um DL interno, entretanto, Martins e Bosco (2002, p.52) explicam que o Desenvolvimento Local endógeno seria aquele balizado por iniciativas, necessidades e recursos locais, tal como uma comunidade que de fato se conduz a caminho do desenvolvimento, ou da promoção do bem-estar. Fazendo com que deste modo possa se atribuir a comunidade o papel de agente e não apenas de beneficiária do desenvolvimento.

Quanto a isso, Caldas e Martins, (2005, apud OLIVEIRA, s/d) ressaltam que as experiências de “baixo para cima” criam potencial para que o efeito econômico se transforme em um ciclo de crescimento que contrarie as lógicas da exclusão.

Mas, para que essa natureza endógena possa ser revelada é necessário que se descubra as potencialidades do local para isso Franco (2000) salienta que se faz necessário tornar dinâmica uma potencialidade, identificando vantagens que uma localidade apresenta em relação a outra e tentar verificar quais as verdadeiras vocações do local.

Desta forma, num mundo globalizado como o atual, é necessário que o local saiba se exteriorizar na busca em mostrar o que possui de melhor e seu diferencial, nessa dinâmica econômica explica Franco (2000, p. 12) “Trata-se, para esta visão do desenvolvimento local, de ter uma estratégia que posicione vantajosamente espaços socioterritoriais delimitados em face do mercado globalizado.”

Assim, Casarotto e Pires (2001), explicam:

Em caso de grandes potencialidades naturais ou na quase total restrição das mesmas, a potencialidade básica de qualquer local, região ou país está assentada em sua população, ou mais amplamente, em seu ambiente: a interação dessa gente, por meio de sua cultura, com o território e suas relações externas. Essa é a alavanca principal do processo de desenvolvimento e que requer grandes esforços de fomento e promoção. (CASAROTTO; PIRES, 2001, p.107).

Somando-se a essa ideia Martinelly e Joyal (2004, p.54) pontuam que não basta manter o foco no desenvolvimento econômico local, “É fundamental conseguir estimular os demais fatores que afetam o desenvolvimento, em termos das perspectivas sociais, culturais, políticas, morais e éticas”. Neste caso não se deve pensar em um Desenvolvimento Local pautado exclusivamente na economia, mas sim um DL que englobe todos os fatores sociais. Por conseguinte, Silva acredita que:

É fundamental pensar o Desenvolvimento Local enquanto projeto integrado ao mercado, mas não somente: ele é, também, fruto de relações de conflitos, competição, cooperação e reciprocidade entre os atores, interesses e projetos de natureza social, política e cultural. (SILVA, 2008, p.35).

Diante deste cenário, transformação social e melhoria da qualidade de vida é sem dúvida a finalidade do Desenvolvimento Local, com participação de gestores públicos, do setor privado e principalmente da sociedade civil, que interiorizam a cidadania já que se torna agente ativo na sociedade, para isso Martins e Bosco (2002, p. 53) salientam: “A participação parece manter uma relação direta com a capacidade individual ou coletiva de interagir, cooperar, associar-se e confiar, isto é o chamado capital social”.

O autor pontua três tipos de capitais os quais precisam de investimento consistente para que ocorra um desenvolvimento local de qualidade, primeiro, o capital humano, a este ele referencia educação, saúde, alimentação e nutrição, cultura e outros, para que através do desenvolvimento humano surja a capacidade de criar e recriar, segundo, o capital social, a isso se aplica o nível de organização da sociedade e por fim o capital natural, que são as condições físicas e ambientais e físico territorial herdados.

Enfim, cada lugar é único, e deve ser tratado como tal. A concepção de um único modelo para ser seguido em diferentes comunidades com o objetivo

de um desenvolvimento local é errônea uma vez que cada local possui suas peculiaridades, especificidades próprias. Para um desenvolvimento é necessário que se estude de dentro para fora o local, de maneira endógena. Na verdade promover o desenvolvimento volta-se a um sentido de desencadeamento de um processo e não a aplicação de plano (FRANCO, 2000).

Diante das visões dos autores acima mencionados pode-se concluir que Desenvolvimento é o progresso de determinada sociedade que deve levar em consideração não somente o econômico, mas, também outras dimensões tais como: social, ambiental e cultural, tentando não colocar nenhuma dimensão em detrimento das outras, mas sim mantendo certo grau de autonomia umas em relação as outras já o Desenvolvimento Local é o modo de promover, induzir, planejar e até pensar o Desenvolvimento a partir do potencial de um determinado local, que pode ser endógeno ou não.

1.3 Desenvolvimento Local no Brasil

Acredita-se que o Desenvolvimento Local no Brasil tem seus primeiros indícios com a teologia da libertação (Silva, 2008) desenvolvida na América Latina, onde através das intervenções de religiosos como padres e bispos, juntamente com o envolvimento de políticas partidárias de esquerda lutavam e almejavam por políticas que pudesse se basear na pobreza e na exclusão social do momento na tentativa de mudar esse quadro.

Contudo, observa-se que apenas após a Constituição Federal de 1988 com a municipalização do Brasil é que o termo Desenvolvimento Local passa a ser bastante utilizado, ou seja, recentemente. A partir daí surgem novas perspectivas e meios para o desenvolvimento. Kronemberger (2011) menciona que o tema no Brasil teve impulso no ano 1990, resultante de mudanças como a proliferação das ONGs.

Com a legitimação dos direitos sociais como acesso a serviços básicos de saúde, educação, vínculo empregatício, igualdade de direitos entres outros,

que possibilitaram o indivíduo exercer sua cidadania, reconhecendo seus direitos e responsabilidade, existiu uma mudança na mentalidade dos sujeitos o que resultou numa participação mais ativa aos empreendimentos locais. Exposto a essa nova realidade, os municípios, já com autonomia adquirida, através da observação de seus aspectos peculiares e da diversidade de sua população, aprendem a manejar de maneira mais específica o seu local.

Segundo Silva (2008) o incentivo de diversas instituições como o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento bem como o Banco Interamericano do Desenvolvimento e outros, que com o objetivo de desenvolver e aplicar mecanismos que pudessem atingir um controle social mostrando uma gama de opções, diferentes das já praticadas, para o desenvolvimento. O autor ainda menciona sobre a Conferência das Nações Unidas Sobre o Meio Ambiente (ECO 92), realizada no Brasil em 1992, conferência essa onde foi aprovada uma agenda denominada de Agenda 21 que tinha como tema o Desenvolvimento Local Sustentável.

Nesse período o país já estava buscando alternativas que pudessem diminuir o alarmante grau de pobreza aqui alastrado. Há emergência de uma perspectiva de desenvolvimento baseada no binômio “integrada e sustentável” que tornou-se quase um consenso entre envolvidos na formulação das propostas de políticas públicas, no setor governamental ou privado, assim explicado por Martynelli e Joyal (2004).

Nesse sentido, Silveira (1999, apud SILVA, 2008) sinaliza que, na tentativa de uma mudança no quadro brasileiro o desenvolvimento local deve vir como um potencial transformador, onde este venha gerar novas possibilidades de construção endógena das comunidades.

Com pressuposto em uma visão humanística e ecológica (MARTINS; BOSCO, 2002) em 1997 é institucionalizado, e amplamente adotado no Brasil, o que se chama hoje de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável – DLIS na busca por “criar condições para a sustentabilidade da própria sociedade humana nos marcos e um novo contrato social e de um novo ‘contrato natural’”.

Nas palavras de Franco (2000):

Sabemos que, em geral, para se desenvolver é preciso crescer, mas crescer sustentavelmente – quer dizer: produzir mais e melhor, ou melhor, mais quando isso signifique melhor, sem inviabilizar as gerações futuras. E distribuir com mais equidade os frutos desse crescimento. (FRANCO, 2000, p. 36).

Para que, dessa forma, o desenvolvimento pudesse diminuir necessidades atuais como desigualdade, miséria, exclusão, e abarcar a qualidade de vida, cidadania e outros, além de fortalecer outras gerações através da preservação. O autor analisa que esse ponto de vista é utilizado hoje pelas pessoas que ainda enfatizam o papel determinante exclusivo do fator econômico, como também por aquelas que possuem uma visão mais sistêmica do processo de desenvolvimento (FRANCO, 2000).

Ao contrário do que Franco (2000) havia observado inicialmente, que a ideia de DLIS seria uma estratégia adequada principalmente a pequenas localidades, o autor observa que o conceito teve grandes repercussões mesmo em ambientes urbanos e metropolitanos (MARTYNELLI; JOYAL, 2004). O número de projetos colocados em operação como o Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento, iniciativas do Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES), Caixa Econômica, diversas ONGs, podem verificar o quanto essa tendência se expandiu principalmente no Brasil.

Pode-se observar assim, que a partir de diferentes aspectos o Desenvolvimento Local brasileiro pautado principalmente no DLIS é fomentado de diversas maneiras, tanto em pequenos municípios quanto em grandes capitais na tentativa de uma melhor qualidade de vida populacional e uma conservação ambiental.

Em suma, verifica-se que a gênese desse processo, de pensar e planejar o Desenvolvimento Local está baseado na descoberta de possíveis potencialidades, existentes ou que essas possam ser aguçadas, desse modo toda e qualquer área territorial com potencial em comum, pode se estabelecer a partir de um DL, o que não se difere da cidade de Jacobina – Bahia que conheceremos melhor no próximo capítulo.

2 A CIDADE DE JACOBINA E O SEU DESENVOLVIMENTO ATRELADO À EXPLORAÇÃO AURÍFERA

Fontes históricas apontam que desde o surgimento de Jacobina, inicialmente como vila até galgar a município, a cidade teve vinculada ao potencial natural aqui existente, o Ouro, mineral de alto poder financeiro que já levou e ainda leva sociedades ao seu ápice.

Com Jacobina não se faz diferente, a facilidade inicial, de encontrar o metal nos rios ou nas encostas das serras, com o tempo se transforma em dificuldade, uma vez que o ouro não se fazia mais tão presente a olho nu. Surge então a necessidade de uma mineradora executar o processo de manejo da mineração.

Frente a abertura de uma mineradora, o crescimento econômico da cidade se expande exacerbadamente, no referido momento, o custo de vida aumenta, e inúmeras são pessoas de outras localidades do país chegam a cidade na tentativa de emprego e melhorar de vida através da mineração.

Mas, a mineradora por diversos motivos acaba fechando suas portas o que provocou na cidade uma imensa queda, uma evasão populacional, em sua maioria, daqueles que vieram anteriormente em busca de melhor condição de vida. Uma queda no comércio com fechamento de lojas e baixa nos preços, bem como em outros ramos de negociação.

Entretanto eis que a mineradora ressurge e reabre o que proporcionou na população uma esperança de dias melhores.

2.1 Histórico, Descrição E Localização Do Município

Os potenciais naturais do Brasil, sempre se destacaram desde a sua colonização. Os colonizadores exploravam de forma contínua tudo que estivesse ao seu alcance seja o Pau Brasil, a fertilidade das terras, as plantas nativas, os minerais, entre outros.

Um século após a colonização do Brasil, seu povoamento ainda estava concentrado na província baiana, voltado inteiramente para a cultura açucareira, na região costeira da Bahia. Entretanto, a expansão da pecuária e da agricultura gerava aos poucos a penetração para o interior do estado.

Com a criação de gado, extensa na época, os bandeirantes acabavam viajando para o interior da Bahia, primeiro Estado a ser colonizado, à procura de instalações de currais. Nesse contexto, Jacobina surge como um local de passagem e repouso dos bandeirantes e religiosos em seguida, criações de currais, até a descoberta de suas riquezas (ouro) existentes na localidade.

Os exploradores [no século XVI e início do século XVII], em suas viagens de levar e trazer o gado e procurar por riquezas minerais, e também religiosos sempre passavam pelas terras de Jacó e Bina, tornando-s um local de encontro e repouso dos vaqueiros e viajantes, em geral, vindos do litoral para o sertão e vice-versa. (OLIVEIRA, 2006, p.39).

Desta forma o marco de origem da cidade está atrelado ao ouro, já que somente após isso Jacobina passa a ser, de fato, habitada, tornando-se inicialmente vila e posteriormente cidade. De acordo com Farias (2008) a literatura sobre a história da Bahia focaliza quase sempre o desenvolvimento da cidade de Jacobina a partir do ouro, intensificando o povoamento que já ocorria com as criações dos currais de gado.

Reza a lenda que na Vila de Jacobina, havia um casal de índios que acolhia, todos os viajantes que por ali passavam por troca de presentes, o homem se chamava Jacob e a mulher Bina, com o falecimento dos dois, resolveram homenageá-los com o nome da cidade Jacobina. Em contrapartida, segundo aponta Costa e Vasconcelos (2003), Teodoro Sampaio um historiador e sertanista afirma que o topônimo Jacobina, tem origem indígena e o significado de seu nome é campo aberto.

Acredita-se, que logo no início das viagens dos bandeirantes de idas e vindas com o gado era possível observar ouro maciço em rocha, além de grandes pepitas que desciam no correr do rio. Assim, devido ao ouro farto iniciou-se uma extração desenfreada, que chegou ao conhecimento da Coroa Portuguesa, que tratou de resolver o problema emitindo a Carta Régia de 05 de agosto de 1720, onde Dom João V legalizou a garimpagem do ouro, com

interesse de garantir arrecadação de impostos e elevou Jacobina a categoria de Vila.

Segundo o Simpósio do Ouro, 1977, tudo indica que a descoberta do ouro foi essencial para origem da cidade de Jacobina, uma vez que as autoridades portuguesas estabeleceram duas casas de fundição sendo uma delas em Jacobina, para um melhor controle da produção local. A atividade mineradora e os vínculos de interesses criados durante seu processo de propagação fizeram então que Jacobina ficasse conhecida nacionalmente como a Cidade do Ouro.

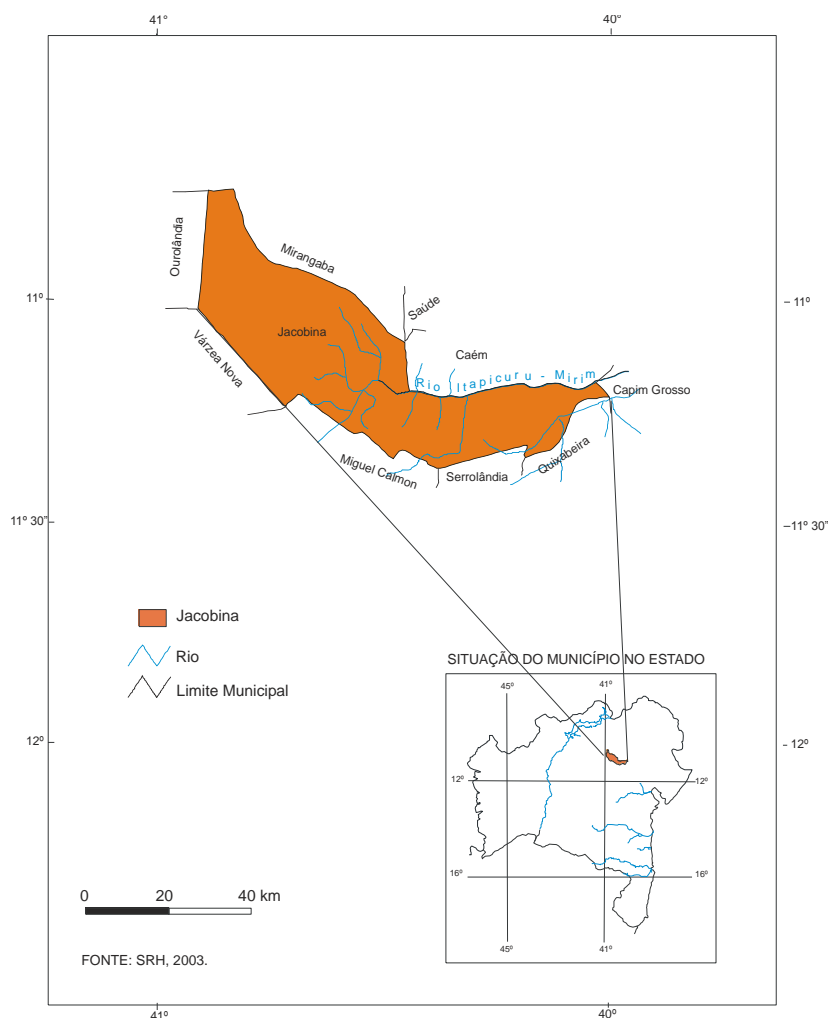
Os primeiros envolvimento do homem com o ouro em Jacobina (sec. XVII) foi através da coleta na garimpagem, principalmente nos rios onde as pepitas desciam das serras bem como através da extração do ouro que era de fácil acesso, já que como relatado anteriormente pepitas poderiam ser vistas fixadas nas rochas.

Garimpava-se o ouro que descia das serras para dentro dos riachos, o qual por volta de 1890 e 1910, exauriam suas reservas. Garimpeiros ficaram a explorar os “veios” e as rochas subindo as serras à procura do ouro. (LEMOS, 1995. p.137).

Desse modo, as explorações iniciais eram “livres”, sem nenhuma legalização nem fiscalização, mas essa atividade foi se complicando a medida que foi se tornando difícil o acesso ao ouro acreditando até mesmo numa certa escassez.

De acordo com o IBGE, o município de Jacobina está localizado na região Centro-Norte e possui uma área de aproximadamente 2.358,69 Km². Nessa área estão distribuídos cerca 79.247 habitantes, de acordo com o último censo ocorrido em no ano de 2010, e com uma estimativa de 84.411 mil habitantes em 2015. Desse, 70,4% localizada na zona urbana da cidade enquanto 29,6% distribuídos na zona rural (IBGE- 2010).

Figura 1- LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE JACOBINA-BA



Fonte: Christiane Freitas Pinheiro, 2003.

2.2 Jacobina E Seu Vínculo Com O Ouro

Na maioria das culturas e sociedades o ouro é sinônimo de riqueza. Para muitos a descoberta desse minério é tomada como possibilidade de desenvolvimento, enriquecimento, desde os tempos antigos onde aquele que mais possuía ouro, como consequência, mais poder tinha. Segundo Teixeira (1988) o ouro foi, o grande motor do descobrimento, o grande estímulo das bandeiras, a grande razão do devassamento do território e continuará sempre sendo o grande construtor da ambição dos homens.

Mesmo com a possível escassez, a procura pelo ouro prosseguiu, os garimpeiros desenvolveram outras formas de exploração nas rochas, mas, apenas no ano de 1880 a primeira empresa Companhia de Minas de Jacobina, se organizou, através de seu representante Eduardo Dias Moraes alcançando uma licença de exploração legal do ouro, podendo dessa forma explorar as serras de Jacobina através de um Decreto imperial e nessa ótica de possibilidades desenvolvimentistas do próspero e certo enriquecimento surge a cidade de Jacobina, até então vila. Contudo, a empresa teve uma vida rápida e em 1897 decreta sua falência deixando restos de suas instalações na região do Itapicuru como cita Farias (2008, p.41 apud JESUS, 2005).

Com o ressurgimento do ciclo da mineração nos anos 30, que permaneceu até os anos 60, e das atividades agropecuárias através da cultura do sisal, a cidade ganhou novo impulso. A instalação da agência do banco do Brasil na região, financiador de diversas lavouras e cooperativas colocou Jacobina como principal entreposto de comércio/serviço entre o centro estadual (RMS / Recôncavo), os sertões e o oeste baiano, surgindo como elo de articulação entre os diversos centros e sub-centros regionais distanciados e integrados.

Segundo informações retiradas da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (1958, p. 353), Jacobina possuía uma “praça” bastante ativa, onde desenvolvia negócios nos 132 estabelecimentos, existentes na época, sendo nove atacadistas. Em 1956 existia no município cerca de 300 estabelecimentos mercantis, que realizavam um total de negócios no valor de 183.675 milhares de cruzeiro na época. A relação de negócios de Jacobina era com Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e outras cidades circunvizinhas. Importava dessas localidades, tecidos, ferragens, louças, artigos de armarinhos, perfumes, medicamentos, além dos artigos ditos estivas e secos e molhados. Exportava ouro, mamona, algodão beneficiado, fibra de sisal, queijos, coquilho de babaçu e coquilho de ouricuri.

Várias outras empresas e até mesmo pessoas comuns deram continuidade a extração, somente 10 anos depois o poder das terras fica nas mãos da Companhia das Minas, e em 1947 a presente companhia é vendida

para uma Mineradora Canadense, que em pouco tempo acaba fechando novamente.

Como podemos perceber, a história de extração do ouro em Jacobina é repleta de idas e vindas, diversas empresas surgiram, extraíram e por sérios motivos acabavam fechando.

Na década de 1970, os trabalhos para o início da produção do ouro, numa Mineração legalizada, em Jacobina começam a se intensificar, e em 1980 se instala em Jacobina a Morro Velho S/A, empresa mineradora que se vincula ao pensamento de desenvolvimento econômico do local. Uma vez que, com a implantação da mesma na cidade as chances de promoção de um crescimento econômico relacionado a geração de empregos e renda através de impostos pagos, bem como incremento no comércio seriam inevitáveis, assim explica Farias (2008). A autora ainda aponta em sua tese, que muitos trabalhadores não só de Jacobina, mas também de toda a região até mesmo de outros Estados vinham em direção a cidade em busca de melhores condições de vida, uma vida mais digna e confortável. Nesse período, devido ao aumento populacional gerado por essa migração, os preços dos imóveis, seja para compra ou até mesmo aluguel, subiram a preços exorbitantes, preços esses que os funcionários conseguiam manter.

Em 1997, a Mineração Morro Velho S/A fecha as suas portas, paralisando assim as atividades nela desenvolvidas. Segundo Costa e Vasconcelos (2003) nesse momento cria-se um cenário de baixa nas atividades varejistas de Jacobina, conseqüentemente a situação econômica da cidade acaba entrando em crise e sua população sente os impactos. E em 2004 a Mineradora reabre suas portas, impulsionando, mais uma vez, o comércio de Jacobina, e trazendo crescimento para a cidade. Essas questões serão melhores abordadas no próximo capítulo.

3 A ATUAÇÃO DAS MINERADORAS NO DESENVOLVIMENTO LOCAL DA CIDADE DE JACOBINA – BAHIA

Como já exposto inicialmente a história da cidade de Jacobina é datada desde a época da “invasão” dos portugueses ao Brasil, contudo o “desenvolvimento” deste pequeno lugar se configurou a partir do sec. XVII quando alguns bandeirantes que por aqui passavam, em suas viagens, perceberam a grande quantidade de ouro existente no lugar. Dai por diante, Jacobina, como é atualmente conhecida, começou a se expandir economicamente, esse desenvolvimento se deu a partir, e vinculado ao ouro existente.

Diante dessa narração, não se faz impossível imaginar qual seria a principal potencialidade desse local, um potencial natural, herdado pelos povos que se multiplicariam nessa sociedade, o ouro.

O metal precioso encontrado nas serras de Jacobina gerou usura de diversas partes, inúmeros foram os tipos de exploradores, e a coroa portuguesa sempre arrecadando suas tarifas, usando para isso, até mesmo a criação das casas de moedas na cidade.

A partir de 1940, algumas companhias foram montadas para a extração do ouro, e no início do ano de 1973 a Geologia de Mineração S.A – UNIGEO – começou a desenvolver pesquisas relacionadas à extração aurífera em Jacobina. Contudo, Costa e Vasconcelos (2003) ressaltam que apenas no final da década de 1970, início dos anos 1980, é que ocorreu a exploração do ouro de maneira sistemática promovendo um processo de crescimento e mudança estrutural em razão da transferência de recursos das atividades tradicionais para as modernas, nesse período, realizada pela empresa MMV, S/A, além do aproveitamento das economias externas e pela introdução de inovações a isso, Barqueiro (2001) denomina desenvolvimento econômico local.

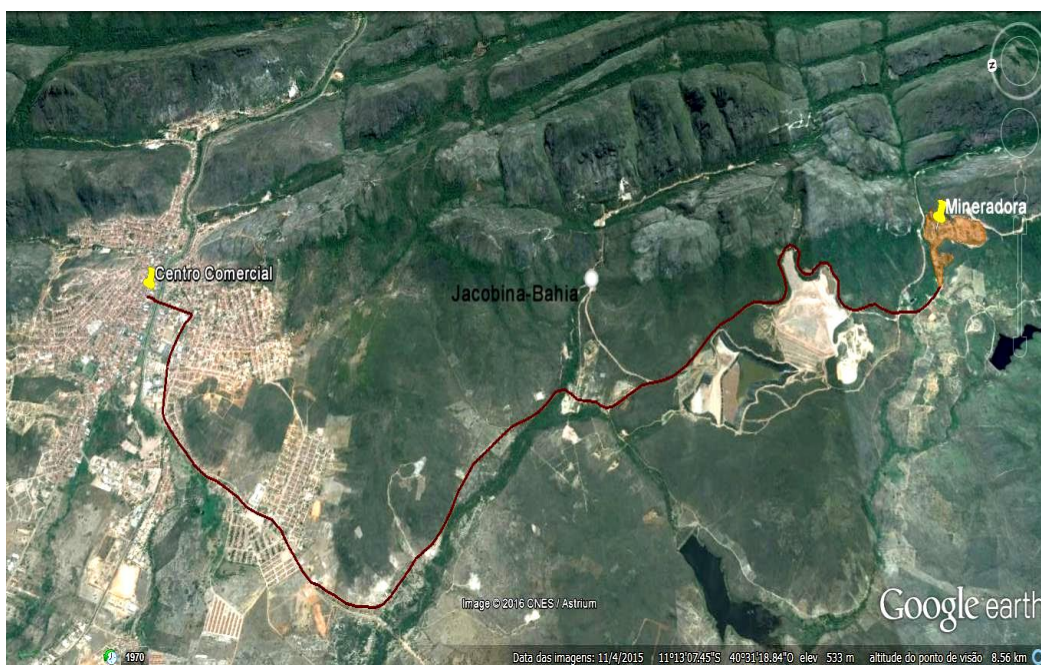
Diante de uma delimitação socioterritorial, levar em conta suas potencialidades ou até mesmo estimula-las, sendo ela qual for, de modo que se possa abarcar toda sociedade pertinente, direta ou indiretamente, desse território, na busca de um desenvolvimento que enquadre a economia, o social,

o cultural, o ambiental deste lugar onde, dessa forma toda sua população possa usufruir dos bens produzidos, temos o que chamamos de Desenvolvimento Local.

Atualmente, a companhia que assume as atividades de exploração aurífera na cidade supracitada, é a canadense denominada Yamana Gold mais conhecida como JMC, a planta da mineradora localiza-se a cerca de 12km do centro de Jacobina.

Na figura abaixo podemos visualizar uma fotografia aérea da cidade de Jacobina, com destaque, em bege, para a planta da mineradora, em marrom, o principal acesso à empresa e com pontos de localização o centro comercial e a mineradora.

Figura 2- Localização Da Mineradora- YAMANA



Fonte: Google Earth, 2016
Adaptação: Angela de Souza Carvalho, 2016.

Na busca por analisar se existe um Desenvolvimento Local e efetivo na cidade de Jacobina e de compreender qual é a atuação da mineradora neste

desenvolvimento, aborda-se neste capítulo a análise dos dados coletados, reflexões e resultados.

Este momento da pesquisa é considerado por alguns pesquisadores a exemplo de Dário Fiorentin (2009, p.163 apud SILVA, 2012, p. 31), como sendo um dos mais importantes momentos da pesquisa, pois é o momento em que emerge as análises feitas na pesquisa, é o olhar do pesquisador segundo bases teóricas que vai conduzir para os resultados alcançados.

Essa pesquisa possui abordagem quantitativa e qualitativa, a primeira refere-se aos dados matemáticos coletados através das entrevistas que foram realizadas, a segunda busca compreender a subjetividade do sujeito dentro das respostas obtidas. Assim, buscou-se levar em consideração não apenas a exatidão das respostas, mas também a experiência do entrevistado para então analisar da melhor maneira a atuação da mineradora no Desenvolvimento Local da cidade de Jacobina.

As entrevistas, que fundamentaram as análises, foram realizadas do dia 20 de ao dia 04 do mês de julho do presente ano. Procuramos entrevistar os estabelecimentos que estavam em funcionamento desde o período de fechamento da mineradora, em 1997, para melhor precisão das informações dos dois momentos vividos pela cidade de Jacobina, para que, por meio destas, pudéssemos coletar informações pertinentes a nossa pesquisa.

No total, foi possível obter êxito em 15 entrevistas, com empresas variadas. A escolha por entrevistar o comércio central, também não foi em vão, foi por acreditar que os comerciantes, além de terem uma visão econômica possuem o contato diário com pessoas de diferenciados seguimentos sociais, deste modo, têm uma noção ampliada da dinâmica da cidade em geral. O público alvo das entrevistas, gerentes e/ou proprietários dos estabelecimentos, tem assim uma maior possibilidade de responder com melhor clareza o questionamento proposto.

Foram entrevistadas também cerca de 8 pessoas que vivem na cidade de Jacobina na busca por fazer reflexões e analogias entres diferentes pontos de vista, confirmando ou não os julgamentos dos comerciantes. Foram entrevistadas pessoas de varias idades, desde estudantes a pessoas que já

trabalharam ou que trabalham na mineradora, bem como outras que trabalham em diversos ramos dentro da cidade.

Vale ressaltar que as identidades dos entrevistados, assim como a das empresas, serão preservadas. Desta forma, quando citada diretamente alguma resposta trataremos como empresa 1, 2, 3 e assim sucessivamente e pessoas A, B, C e assim por diante. Para melhor compreensão, abordaremos uma análise dos questionamentos referenciando-os a bases teóricas sempre que possível.

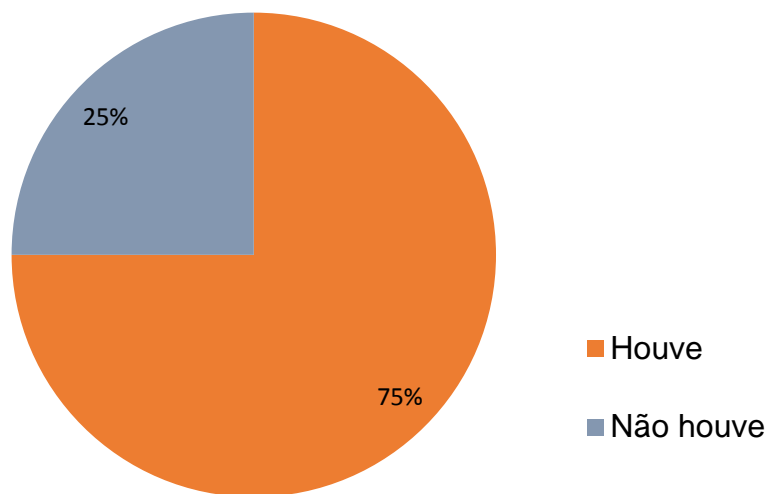
3.1 O fechamento da mineradora no período de 1997-2004 e seu impacto no comércio e na vida da população de Jacobina

É importante salientarmos que a principal necessidade de priorizarmos lojas que possuem 20 anos ou mais em funcionamento foi devido a principalmente essa questão intitulada, uma vez que diagnóstico desse tipo só iríamos encontrar com pessoas que vivenciaram esse momento, o que não foi tão fácil encontrar. É fundamental ressaltar o fato de não termos conseguido entrevistar todos os comerciantes que vivenciaram esse período, ora por não conseguirmos contato ora por recusa. Entretanto, foi possível coletar informações de ampla relevância para os nossos objetivos, sempre que possível uma analogia ou controvérsia será feita para compararmos as respostas dos comerciantes com a população.

A busca por uma análise, não meramente teórica, sobre o que aconteceu com a cidade de Jacobina quando a Mineradora, em 1997, fechou suas portas, resultou no seguinte questionamento aos entrevistados, o que foi possível se observar na cidade, como um todo, nesse período? Das lojas entrevistadas apenas 20% não estavam abertas nesse período, e dos 8 entrevistados três não estavam presente na cidade nesse período ou não lembravam com clareza do momento.

O gráfico a seguir refere-se aos dados coletados com as empresas, desse modo, obtivemos as seguintes respostas:

Gráfico 1- Mudanças na cidade de Jacobina, em 1997, quando a MMV fechou.



Fonte: Pesquisa de campo, maio 2016.

Como podemos analisar apenas 25%, dos 15 empresários entrevistados, não conseguiram perceber mudanças na cidade nessa época ou até mesmo mostraram acreditar que essa mudança foi irrelevante para a população e comércio, contudo, a grande maioria, 75%, percebeu impactos negativos, apontando que essa ocasião foi palco de uma decadência econômica na cidade, que inúmeras pessoas que ocuparam a cidade no início acabam indo embora, casas de aluguel agora ficam fechadas, o comércio também acaba sofrendo muito com a situação, casas de material de construção lojas de varejo chegam a fechar.

Conforme informações de comerciantes entrevistados *“a cidade ficou parada, várias empresas fecharam nessa época, a queda nas vendas e o desemprego foi algo gritante nesse período, muita gente foi embora”* (Empresa 5), o que vem confirmar a frase do entrevistado ‘E’ quando ele diz que: *“Claro que percebi, fui demitido em um dos últimos cortes que a empresa fez, a cidade meio que esvaziou, vários amigos foram embora, voltaram para suas cidades, o movimento da cidade caiu”*. *“Houve uma desvalorização na cidade como um todo”* (Empresa 6). *“Não existia um plano B para alavancar a economia, não estávamos preparados politicamente para pararmos de receber os impostos*

provindos da mina, isso influenciou bastante na queda da cidade” (Empresa 12). Essas respostas apontam que a mineradora dessa época gerou um desenvolvimento econômico, e que por falta de planejamento e de um DL efetivo houve uma decadência em todos os segmentos da população, quanto a isso Filho e Vasconcelos acreditam que:

Tal ocorrência se desencadeou pelo fato de Jacobina ter baseado, em grande parte, sua existência (econômica, em particular) no setor comercial a partir dos fluxos financeiros oriundos da carga tributária e pagamento salarial provenientes da atividade mineradora. (COSTA; VASCONCELOS, 2003, p.10).

Ao analisarmos a fala, do proprietário “1”, a seguir, é possível confirmar o impacto, sofrido pela cidade com o fechamento da mineradora, em 1997.

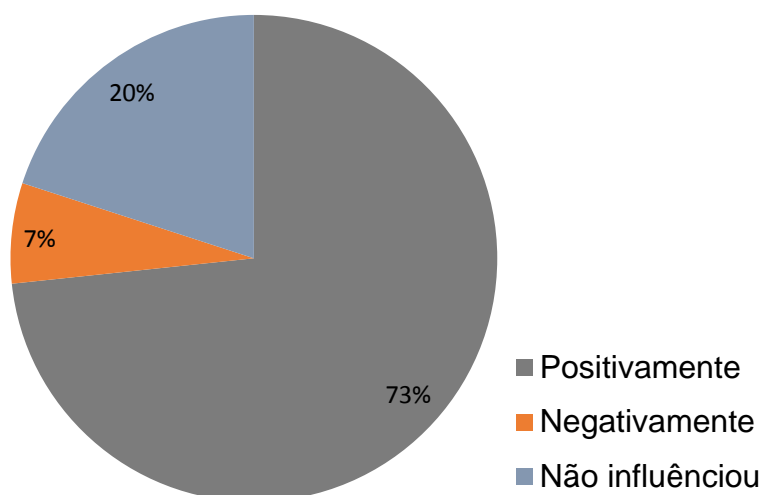
Percebi que afetou bastante o comércio, teve uma queda nas receitas, tínhamos uma única empresa, creio que o comércio na sua maioria tiveram dificuldades, pois sem empregos não se tem renda, o dinheiro deixa de circular algumas pessoas possivelmente tiveram que buscar outras cidades a procura de emprego. No nosso caso, procuramos expandir pra outros seguimentos de mercado, que foi bom, conseguimos crescer e nos adaptar a situação daquela época. (Empresa 1, entrevista cedida dia 28 de abril de 2016).

Um dos entrevistados acredita que “[...] *o problema não era só local, porque a crise era nacional.*” (Empresa 10, entrevistada no dia 27 de abril de 2016). Já que nesse período além da desequilibrada inflação que afetava a todos, outros aspectos como a queda internacional no valor do ouro, afetou a cidade de forma brusca já que, como apontam outros, faltava uma política que abordasse um plano B, caso a mineradora viesse a fechar.

3.2 Contribuições das Mineradoras para o comércio de Jacobina

Durante as entrevistas, foram questionadas as empresas, como também aos habitantes, se a Mineradora traz benefícios para cidade de Jacobina, 100% dos entrevistados responderam que sim bem. Então, perguntamos aos empresários se ela influenciou em seu negócio positivamente, negativamente ou se não influenciou, e obtivemos os seguintes resultados, como podemos observar no gráfico 2 a seguir.

Gráfico 2- A influência da mineradora no comércio da cidade de Jacobina.



Fonte: Pesquisa de campo, maio 2016.

Podemos perceber que a maioria o que corresponde a 73% respondeu positivamente justificando que a geração de emprego de forma direta ou indireta fomenta o comércio, pois as pessoas trabalham, recebem e gastam, na maioria das vezes, no comércio, propiciando desta forma uma circulação de dinheiro na cidade.

Um dos entrevistados justificou sua resposta dizendo que a mineração influencia em seu negócio à medida que as empresas terceirizadas trazidas pela mineradora procuram seu estabelecimento para atender as áreas de hospedagem e alimentação de seus colaboradores, visto que esta empresa é da rede de hotelaria, outra loja, do ramo de confecções, aponta que com a vinda de pessoas para a cidade em busca de hotéis acaba por gerar a necessidade de compra de artigos de cama, mesa e banho, para os mesmos, deste modo, mesmo que não sendo diretamente a mineradora produz uma teia de necessidades onde esta, por sua vez, é atendida por diferentes ramos dentro da cidade.

Aos habitantes entrevistados a pergunta anterior foi moldada da seguinte forma: A mineradora de alguma maneira interfere em sua vida? Foi possível perceber através das falas que a mineradora interfere na vida de todos se não direta indiretamente.

[...] meu trabalho é fortemente influenciado pela movimentação de dinheiro provocado pela mina na cidade, o comércio sabe que a mineração traz muitos benefícios econômicos para a cidade, vindo a muitas pessoas tanto da cidade quanto de fora que são funcionários na mineração. (Morador C, entrevista cedida dia 20 de junho de 2016).

Como sendo um dos princípios defendidos pelos autores sobre o DL, a mineradora abarca a condição de ser promotora do “desenvolvimento”, quando possibilita o ingresso de parte da sociedade para o mercado de trabalho, e ainda consegue atrair e alavancar o comércio local, alçando também empregos e rendas. Desse modo Coelho (2001, apud SILVA, 2008, p.34) “[...] considera o desenvolvimento econômico local, como a construção de um ambiente produtivo inovador, no qual se desenvolvem e se institucionalizam formas de cooperação e integração das cadeias produtivas e das redes econômicas sociais”.

Cerca de 20% das empresas responderam a não influência da mineradora, justificaram que o ramo de trabalho delas é diferenciado, e que não dependem diretamente da mesma, e apenas uma empresa, o que corresponde a 7% do total de entrevistados, respondeu que a mineradora afetou de maneira negativa seu negócio relatando como argumento que a mineração acabou com o foco do seu trabalho, o meio ambiente, e relatou a degradação ocasionada num dos principais locais de sua atuação dentro da cidade, o povoado de Canavieira, onde esse por sua vez, por se localizar próximo a planta da mineradora teve que ser despovoado, com indenização por parte da mesma.

3.3 Contribuições da Mineradora para o DL na cidade de Jacobina.

Buscou-se a partir do conceito de Desenvolvimento Local selecionar alguns itens de extrema importância como a melhoria da qualidade de vida da comunidade, geração emprego, desenvolvimento e crescimento da cidade, aumento de renda da população, investimentos sociais e ambientais e

dinamização da economia local, para assim, tornar palpável o significado de DL o que nos conduziu a elaboração de um questão que solicitava dos entrevistados uma análise sobre a contribuição da mineradora diante dos itens citados.

Esse questionamento foi de múltipla escolha. Foram apresentados aos quinze (15) empresários entrevistados oito (8), dos fatores mais relevantes para DL, os quais já foram citados anteriormente, cada entrevistado marcaria o(s) fator(s) que achasse conveniente, ou seja, aqueles nos quais a mineradora contribuía.

A partir daí obtivemos o seguinte resultado dos empresários, que pode ser observado na série 1 do gráfico 3 que segue:

Gráfico 3 - Contribuições Da Mineradora Para o DL de Jacobina.



Fonte: Pesquisa de campo, maio 2016.

Como podemos observar nesse terceiro gráfico, novamente as respostas que mais se sobressaem quando o foco é contribuição da mineradora na cidade de Jacobina é a geração de emprego, onde todos os entrevistados apontaram ser inegável essa realidade, e o aumento de renda da população, onde doze dos quinze entrevistados apontaram que a mineração auxilia nesse aspecto.

As mesmas opções foram dadas aos oito moradores entrevistados e todos confirmaram a geração de emprego provocado pela mineradora, o que podemos perceber com a fala do morador 'E', segundo ele, em entrevista, seria *“Impossível falar que não, (que a mineradora não gera emprego), eu trabalho na mineradora hoje e trabalhei na antiga Morro Velho, são muitos os peões na empresa.”*

Contudo, segundo alguns empresários, esse aumento de renda não faz de maneira bem distribuída e na maioria das vezes, está relacionado com a renda dos próprios funcionários, os quais eles acreditam que são bem pagos. Porém uns ressaltam que na verdade a mineração *“não emprega ninguém daqui não (da cidade), eles só empregam, pra trabalhar de pião”* (Empresa 2).

Geração de emprego e aumento de renda da população são artigos que também são esperados como consequências de um DL, numa atividade mineradora é indispensável o nível de qualificação profissional em diversas áreas e tendendo a isso Franco (2000) ressalta que mesmo que exista num local um potencial com alto nível de capital natural, como é o caso do ouro em Jacobina, apenas isso por si só não é o suficiente para desenvolver esse município, é necessário que o poder público, juntamente com a população, se interessem pelo assunto e que as pessoas do local possam ser capacitadas para a realização dos trabalhos, para que dessa forma todos, ou maior parte da população tenha acesso a riqueza, a renda ao conhecimento e ao poder.

Outro fator que chama bastante atenção nas respostas é que cerca de 70% dos comerciantes entrevistados (11 entrevistados) acreditam que a Mineradora favorece tanto para o desenvolvimento quanto para o crescimento da cidade. Mas, foi notório que grande parte dos entrevistados não consegue distinguir o significado de crescimento com desenvolvimento da cidade, a mesma dificuldade encontrada com os moradores, contudo essa diferenciação é de extrema importância quando estamos falando de DL.

Em suma, crescimento está intrinsecamente relacionado ao econômico, o qual pode ser percebido em decorrência do Produto Interno Bruto - PIB de determinada região ou localidade, caracterizado por peculiaridades quantitativas. Podemos percebê-lo ao encontrarmos na cidade de Jacobina franquias de lojas nacionais e internacionais como a Cacau Show, Americanas

e Subway, demonstradas nas imagens a seguir, o que em decorrência das mesmas a tendência é o valor do PIB aumentar.

Todas essas lojas se localizam no centro da cidade.

Figura 3- Cacau Show



Fonte: Arquivo pessoal, maio, 2016.

Figura 4 - Lojas Americanas



Fonte: Arquivo pessoal, maio, 2016.

Figura 5 – Subway

Fonte: Arquivo pessoal, maio, 2016.

Ao realizar um comparativo entre a imagens, a seguir, de diferentes tempos e contextos sociais, podemos verificar e confirmar o que foi exposto anteriormente.

Figura 6- Praça Rio Branco 1962

Fonte: Arquivo Alex Félix.

Figura 7- Praça Rio Branco 2016.



Fonte: Arquivo pessoal, julho, 2016.

Na figura 6 temos a praça central da cidade – Praça Rio Branco, em 1962 – onde podemos perceber-la com casas totalmente residenciais, uma praça voltada para o lazer. Já na figura 7 visualizamos a mesma praça, porém, na atualidade, a mudança é notável, agora, as antigas casas residenciais dão lugar ao aquecido comércio que atende não somente aos moradores da cidade, mas também de toda a região. Essa mudança aponta o crescimento de um dos pontos comerciais da cidade.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE, em sua planilha de Produto Interno Bruto dos Municípios do ano de 2013 aponta o PIB per capita, ou por pessoa, que se trata da divisão do PIB em partes iguais pela quantidade de habitantes de determinado local (irreal), de Jacobina o valor de R\$ 10.137,91.

Quando o tema em questão é desenvolvimento, não se trata apenas de economia, a este estão atreladas questões qualitativas amplas as quais após analisadas irá definir o nível do desenvolvimento. Nessa instância trabalha o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, que a partir de uma análise calcada em três principais aspectos a expectativa de vida de uma população, taxas de

alfabetização e matrícula mais o PIB per capita onde, para que sejam alcançados se faz imprescindível, boas condições na saúde, na alimentação, no lazer, para uma vida longa e saudável, acesso ao conhecimento, escola para todos e educação democratizada além é claro de um padrão de vida que seja digno, onde tudo isso possa trazer para as pessoas oportunidades e igualdade e seja efetivado o processo de melhoria.

Em Jacobina, o valor do IDH é de 0,649, de acordo com o IBGE num comparativo entre os municípios baianos em 2010, o índice da cidade é considerado mediano. Contudo, foi analisado o entorno da cidade, e levemente comparada tanto com o PIB per capita, quanto com o IDH, adicionada as respostas dos questionários e ficou evidente o crescimento da cidade, contudo, o desenvolvimento ainda é questionável de acordo com os conceitos traçados acima, é claro que a isso não deve se responsabilizar um ou outro ator desse sistema, devem entrar em cena o setor público os sindicatos, sociedade organizada, empreendedores, população em geral, para que a partir de um consenso existam mudanças para possíveis melhoras.

Dos quinze empresários entrevistados, nove, percebem que a mineradora contribui para dinamizar a economia local. De acordo com alguns, a aplicação inicial gira em torno de estabelecimentos específicos como lojas de roupas, de equipamentos e sons automotivos, bares e outros, que são mais atraentes aos funcionários diretos da mina, esse capital que mais cedo ou mais tarde desembocará no comércio em geral provocando esse dinamismo, um modelo de rede. Confirmado assim na fala do morador 'D' quando relata que *“pode não interferir diretamente, mas, indiretamente interfere e muito, sou autônomo, nunca trabalhei diretamente com a mineração, mas percebo que o dinheiro que circula na cidade maior parte vem da mina, conseqüentemente o que vem para a minha mão”*, desse modo dinamizado a economia.

No que se refere a investimentos sociais e investimentos ambientais 26,6%, ou seja, apenas quatro dos quinze empresários questionados se manifestaram positivamente, entretanto não justificaram. Em contrapartida a maioria destacou que *“apesar de ter um ponto positivo na economia, acredito que acabe prejudicando o nosso meio ambiente”* (Empresa 5) e até mesmo que *“leva nosso ouro e não traz nada, não mantém nada em Jacobina. Nunca ouvir*

dizer que a mineração fez uma creche, Jacobina precisa de uma casa de recuperação para os drogados [...]”(Proprietário 2).

A visão dos moradores ficam divididas quanto aos investimentos sociais, pois alguns acreditam que a mineradora já faz sua parte na contribuição de impostos pagos a cidade e na geração de emprego como salienta o morador ‘C’:

Pra ser sincero não percebo investimentos deste tipo, o investimento que a mineradora traz para a cidade é econômico através dos funcionários e provavelmente dos impostos pagos, o que eu acho, isso ao meu ver, com esses impostos a prefeitura é quem deveria realizar esses investimentos sociais para a população. (Morador C, entrevista cedida dia 20 de junho de 2016).

Em contra partida outros acreditam ser muito pouco as contribuições ou nada da mineradora nas questões sociais. Em relação a esfera ambiental, assim como os comerciantes, os moradores são unânimes em dizer que não veem nenhum tipo de investimento, ao contrário, o que percebem é um problema ambiental mais acentuado devido a mineradora está instalada na cidade por conta principalmente das barragens de rejeito que acreditam contaminar o solo e as águas subterrâneas. Contudo um dos entrevistados abordou a seguinte fala:

[..] eu sou honesto, e não percebo nenhum investimento ambiental, mas também, eu não percebo más influencias ambientais dentro da cidade, pois as barragens de rejeito da mineração são muito seguras e revisadas periodicamente, não percebo nenhum risco a saúde da cidade. Não investe, mas também faz de tudo para não prejudicar. (Morador E, entrevista cedida dia 20 de junho de 2016).

Apenas 46%, sete dos quinze (comerciantes) entrevistados, acreditam que a mineradora contribua para uma melhora na qualidade de vida das pessoas, alguns citam projetos desenvolvidos pela empresa como o Dia integrar (citaremos a seguir) e outros, apesar disso, se faz contraditório pensar num bem-estar numa qualidade de vida sem investimentos dos tipos citados acima.

A tabela a seguir mostra, numa visão dos comerciantes, como a mineradora atinge a sociedade/cidade em diferentes aspectos.

Tabela 1 – Dimensões afetadas positiva, negativamente ou não afetadas pela mineradora na cidade de Jacobina.

DIMENSÕES ONDE HÁ MANIFESTAÇÃO DA MINERADORA				
Dimensões	Positivamente	Negativamente	Não manifesta	Total
Ambiental	14%	73%	13%	100%
Social	60%	0%	40%	100%
Econômica	100%	0%	0%	100%
Cultural	53%	7%	40%	100%

Fonte: Pesquisa de campo, maio 2016.

Já era esperado que 100% dos comerciantes conseguissem perceber manifestações positivas no que se refere à mineradora e a economia da cidade. Direta ou indiretamente o retorno sempre chega ao comércio local, e a uma parcela da população, apesar da grande parte não ser beneficiada diretamente.

Entretanto, como já foi esclarecido, o desenvolvimento vai além de pareceres meramente econômico, Sachs (2004, apud SANTOS, 2009, p.30-31) afirma que para que haja o desenvolvimento legítimo, é necessário que o crescimento econômico seja promovido com impactos ambientais e sociais positivos.

O diagnóstico da tabela reflete nas falas dos entrevistados quando, se tratando das questões ambientais a loja 2 sinaliza:

[...] eu conheci aquilo ali (arredores da planta da mineradora – Povoado de Canavieira)[...] há 30 anos atrás, lá tinha vida, hoje não tem, eu fui lá fiquei horrorizada, tem um rio marrom e tinha um rio brilhante um rio de ouro [...]. (Empresa 2, entrevista cedida dia 26 de abril de 2016).

É sabido que toda e qualquer tipo de mineração causa um impacto considerável no meio ambiente, contudo é uma atividade de extrema importância para o desenvolvimento e crescimento das sociedades.

A degradação da paisagem, ruídos e vibração, o tráfego de veículos, a poeira e os gases, a contaminação das águas e o rejeito, são alguns dos impactos mais visíveis, impactos esses, acrescido do desejo de expansão de área de exploração, que na cidade de Jacobina a mineradora conduziu uma desocupação de um povoado – Povoado de Canavieira, citado na fala da loja 2, que ficava próximo a mineradora, óbvio que na condição de indenizações.

Com o desígnio de expandir sua área de exploração, visando à abertura de uma nova galeria para extrair ouro a Empresa de Extração Mineral YAMANA GOLD, inicia o processo de desapropriação dos moradores do povoado de Canavieira. As atividades de mineração provocam grandes mudanças no espaço, essas mudanças podem ser de caráter físico, químico e biológico e atingem também a sociedade, pois é a parte mais afetada pela desapropriação de suas casas em função da extração mineral. (OLIVEIRA; SOUZA, 2013, p.11).

Por conseguinte, cerca de 50% e 60% dos 15 entrevistados, acreditam que existem manifestações positivas provindas da mineradora no que tange o cultural e social respectivamente, estas respostas podem ser relacionadas com alguns projetos disponibilizados pela Yamana como os dispostos no quadro 1 e 2 apontados no subitem que segue.

3.3.1 Projetos realizados pela Yamana Gold na cidade de Jacobina

Os quadros a seguir foram desenvolvidos a partir da extração de dados de um arquivo da própria empresa Yamana Gold – Jacobina Mineração de Comércio – JMC, fornecido pela funcionária Maria Joaquina do Goís (nome fictício). O documento disponibilizado (PDF) caracteriza a empresa ressaltando a sua importância mundial, e dando ênfase a cidade de Jacobina, seu histórico e suas movimentações na cidade, alguns de seus aspectos administrativos, bem como realça os projetos desenvolvidos em prol da sociedade jacobinense, esses últimos foram os elementos utilizados para a composição dos seguintes quadros.

Quadro 1- Projetos Culturais desenvolvidos pela Yamana Gold.

Movimentação da Mineradora Yamana			
Dimensão	Projeto	Descrição	Duração
Cultural	Estrada Fora	Filmes, espetáculos e oficinas.	1 vez ao ano.
	Cinema sobre Rodas	Viaja pelas comunidades.	1 vez ao ano.

Elaboração: Angela de Souza Carvalho, 2016.

Quadro 2- Projetos Sociais desenvolvidos pela Yamana Gold.

Movimentação da Mineradora Yamana			
Dimensão	Projeto	Descrição	Duração
Social	Programa de Estágio	Acontece ao longo do ano. Abrange as áreas de Administração, Contábeis, Mineração, Elétrica, Mecânica e Segurança do Trabalho. Que estagiam na empresa.	Todo o ano.
	Programa Jovem Aprendiz	Disponibiliza curso de Auxiliar de Mineração.	Sem dados.
	Campanha do Agasalho	Acontece de Maio a Junho através de doações de cobertores e roupas doadas pelos colaboradores JMC e Empresas prestadoras de serviço. Após feito a contagem das doações a Empresa dobra a quantidades que foi doada. Os	1 vez ao ano – Inverno.

		Kits são montados pelos voluntários e entregues as comunidades carentes.	
	Campanha Natal Sem Fome	É um dia onde são realizadas ações concretas e de benefício à comunidade. Acontece em dezembro através de doações de alimentos doados pelos colaboradores JMC e Empresas prestadoras de serviço. Após feito a contagem das doações a Empresa dobra a quantidades que foi doada. As cestas básicas são montadas pelos voluntários e entregues as comunidades carentes.	1 vez ao ano – Natal.
	Dia do Voluntariado	É escolhido uma instituição que faz trabalho social com crianças e adolescentes entre os bairros da cidade, os colaboradores escolhem uma dessas crianças ou adolescentes para ser padrinho entregando um kit a ser entregue a essas crianças e adolescentes antes do Natal.	1 vez ao ano - Natal
	Dia Integrar	Atividades (saúde) gratuita para população de Jacobina e região durante todo dia.	1 vez ao ano.

Elaboração: Angela de Souza Carvalho, 2016.

É possível notar a quantidade de projetos desenvolvidos pela mineradora, mas, talvez ao analisar o tempo de execução é que algumas pessoas criticaram dizendo que “[...] o movimento que eles fazem em relação ao que eles podem é nada” (Empresa 3). Para complementar o entrevistado 3 expôs o seguinte:

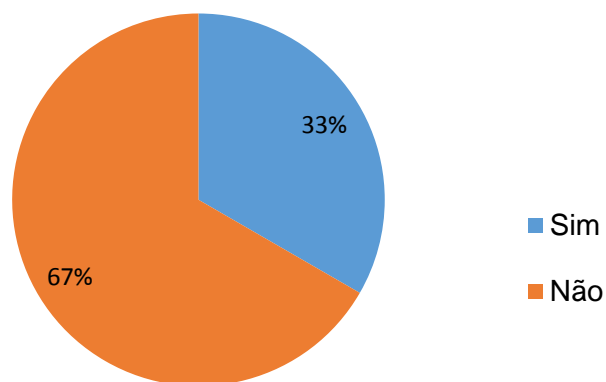
A maioria das cidades onde as mineradoras vão [...] todas deixam um legado para cidade, aqui em Jacobina tem desde 78, eu acho, a UNIGEO, e não tem nada, assim mesmo, físico da mineração [...] eu sei lá, mas é muito estranho. (Empresa 3, entrevista cedida dia 29 de abril de 2016).

Podemos verificar que há uma contradição ao analisarmos o gráfico 3, p.43, que nos mostra apenas quatro, dos quinze empresários entrevistados, afirmando existir investimentos sociais e dentro deste último questionamento nove afirmam que a mineradora afeta positivamente na dimensão social. Infere-se que os comerciantes conhecem, mesmo que superficialmente, os projetos da referida empresa, contudo acreditam no que o comerciante 3 citou acima, devido ao porte da empresa em questão os investimentos nessa área não satisfazem completamente as necessidades da sociedade jacobinense, uma vez que a cidade possuem pouquíssimas opções de lazer, cultura e outros o morador 'F' vem confirmar isso em sua resposta:

[...] muito pouco! Uma mineradora desse porte numa cidade desse tamanho era pra favorecer a comunidade em geral com bens duradouros, com coisas permanentes a exemplo da manutenção de uma creche, de uma escola, em conjunto com a prefeitura local, uma casa de artes para jovens em vulnerabilidade social, sei lá, são tantas as possibilidades de investimentos que melhorariam nossa qualidade de vida como um todo, mas nada vejo. (Morador C, entrevista cedida dia 20 de junho de 2016).

Posteriormente, foi questionado aos entrevistados, se eles tinham conhecimento de alguma ação da mineradora em conjunto com gestores ou com a sociedade civil em prol do desenvolvimento coletivo da cidade. Alguns responderam que nunca tinha visto falar, outros, mesmo pensando da mesma forma comentaram que seria impossível uma empresa de tal porte numa cidade como esta não se manifestar para isso.

Gráfico 4- Contato da mineradora com agentes externos a empresa.



Fonte: Pesquisa de campo, maio 2016.

Como podemos visualizar no gráfico 4 a maioria dos questionados, 67%, não conseguem perceber essa ação da empresa, que muito questionaram sobre o Hospital Regional Vicentina Goulart - HRVG, localizado em Jacobina, considerado uma das mais importantes unidades de saúde da região, um hospital de porte médio em perfeita condições, que realizava atendimentos pelo Sistema Único de Saúde –SUS e particulares, e que por entraves políticos encontra-se “fechado” a cerca de 3 anos, fazendo com que apenas o Hospital Municipal Antônio Teixeira Sobrinho- HMATS, atenda toda a cidade, que possui quase 90.000 habitantes além da das pessoas das cidades vizinhas, os entrevistados acreditam que esse seria um exemplo de intervenção social que a Yamana poderia ter travado com a gestão municipal em prol dos cidadãos da cidade.

Já os moradores em conforme dizem não conhecer nada que relacione a mineradora com a prefeitura de Jacobina.

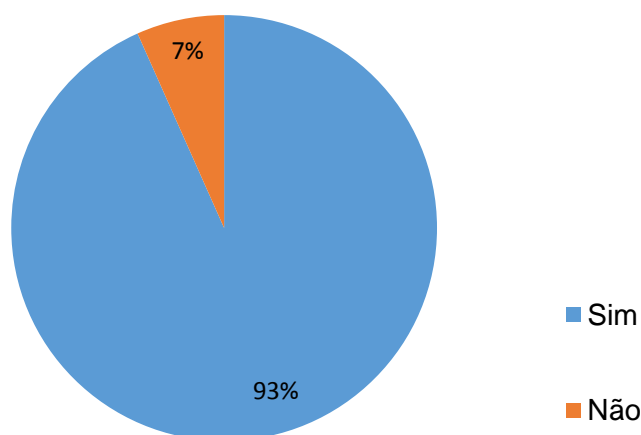
Os comerciantes, em sua maioria, reconhecem que os projetos desenvolvidos pela mineradora são de grande valia, entretanto, acreditam que a necessidade da população é maior, que não deveriam ser projetos paliativos,

mas sim, projetos concretos capazes de diminuir consideravelmente ou até mesmo sanar demandas locais, como a citada anteriormente, algumas ideias foram levantadas como a construção e/ou manutenção de creches e/ou centros de recuperação, auxílio permanente em lazer, entre outros.

3.4 O futuro de Jacobina sem ser subsidiada pela mineração – visão dos comerciantes.

O último questionamento solicitava dos entrevistados que eles imaginassem um futuro com o fechamento da mineradora, quais seriam os impactos na cidade, ou até mesmo se estes existiriam com essa possibilidade. O gráfico a seguir nos aborda dados coletados através das respostas dos comerciantes.

Gráfico 5- Impacto no comércio e na cidade de Jacobina se a mineração fechasse atualmente.



Fonte: Pesquisa de campo, maio 2016.

Como se pode perceber 93% dos entrevistados acreditam que sim, que existiria impactos sobre a cidade como um todo, em geral o desemprego, a emigração populacional, a baixa no comércio em decorrência dos dois fatores

anteriores, e a falta de um plano B foram os motivos mais citados, a crise que vivência no Brasil nesse momento também foi citada.

“com a crise instalada no país, que já levou a vários desempregos aqui mesmo na cidade de Jacobina, pois existem concessionárias que estão vendendo apenas 2 a 3 carros novos por mês e não estão conseguindo segurar sua rede de funcionários, se a mineradora fechasse hoje eu tenho quase certeza que muitas casas de veículos fechariam junto” (Morador C, entrevista cedida dia 20 de junho de 2016).

Mesmo visualizando alguns impactos, boa parcela dos empresários entrevistados falaram que nem tanto como a loja 4, quando relatou que, *“Quando fechou pela primeira vez influenciou bastante, mas, talvez hoje não existisse tanto impacto já que a maior parte do dinheiro vai pra fora. Antes corria muito dinheiro em Jacobina”*(Empresa 4).

Alguns acreditam que *“Jacobina já desenvolveu bastante, ela não sofreria tanto com o fechamento da mina”* (Empresa 6), contudo o impacto é inegável, *“[...] mas, não é essa bomba toda que o pessoal anuncia não, eu creio que não [...]”* (Empresa 3). Outros acreditam que *“[...] a pecuária e a agricultura familiar dos lugares junco, Miguel Calmon, Catinga do Moura, desenvolve mais do que a mineração [...]”* (Empresa 2).

As falas dos entrevistados no revelam que pouco ou muito é notória a “dependência financeira”, conseqüentemente atrelada a uma dependência de desenvolvimento, nesse caso local, à mineradora, na cidade de Jacobina. De fato, a importância de uma empresa desse porte é inquestionável uma vez que movimenta a cidade gerando emprego e renda.

Porém é gritante a vontade do povo de fomentar novas potencialidades locais. *“[...] Jacobina é rica, Jacobina é polo, ta aí o turismo pra ser investido e ninguém investe, né? Melhor do que a mineração seria o investimento do turismo em jacobina [...]”* (Empresa 3).

As pessoas dizem que é um mal necessário, eu não sei se é um mal necessário pra cidade, porque poderia ser se não tivesse outras opções e Jacobina eu creio que tem outras opções e tem sim, mas, é um mal necessário porque não tem política ativa, se não, tínhamos condição de reverter isso aí [...]. (Empresa 3, entrevista cedida dia 29 de abril de 2016).

Diante do cenário exposto, fica evidente que a mineração fornece de forma significativa para o desenvolvimento econômico da cidade de Jacobina-Bahia, o que não quer dizer que ela contribui para o DL, visto que como discutido durante o desenrolar da pesquisa o DL não se resume as questões econômicas de uma localidade, mas envolve várias dimensões que sejam políticas, sociais, culturais e ambientais. De modo que a população possa intervir de forma ativa nesse processo.

Desta forma, faz-se necessário que o governo local, juntamente com a população jacobinense, analise de que maneira é possível alcançar um Desenvolvimento Local efetivo onde a melhoria na qualidade de vida seja um direito de todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de Desenvolvimento Local além de amplo possui várias vertentes, ambiental, social, cultural e econômica, as quais necessitam ser minuciosamente atendidas para que o conceito valha efetivamente, em contrapartida, o termo de Desenvolvimento Econômico que vem auxiliar no entendimento deste trabalho possui uma principal vertente como o próprio nome retrata a econômica.

Questionando a ideia inicial, que motivou a elaboração desta pesquisa, “A mineradora, traz um desenvolvimento Local, real e efetivo para a cidade de Jacobina - Bahia? ”, buscou-se discutir sobre o conceito de Desenvolvimento Local e seus fatores determinantes a fim de verificar se existe influência ou não da mineradora no Desenvolvimento Local da referida cidade.

Com a realização da análise do questionário aplicado aos comerciantes e a alguns moradores de Jacobina, é possível perceber que existe sim uma influência da mineradora na cidade, mas, também é notório que este desenvolvimento está mais ligado a um Desenvolvimento Econômico do que um DL propriamente dito.

A pesquisa nos revela que a mineradora possui uma inegável e forte influência no que diz respeito à economia da cidade, pois a mesma movimenta o comércio local e beneficia a cidade coma geração de empregos diretos e indiretos, apontados na pesquisa, e conseqüentemente renda.

Contudo, a partir da análise das entrevistas, que no mostra uma visão não generalizada tanto dos comerciantes quanto dos moradores de Jacobina, onde mais de 70% dos entrevistados acreditam que a mineradora afeta de maneira negativa a cidade de Jacobina e sua população. Podemos assim perceber que nem todas as vertentes demandadas pelo DL são 100% atendidas, principalmente no que rege a dimensão ambiental já que, segundo Franco (2000) o Desenvolvimento local se efetiva quando melhora a vida de TODAS as pessoas das que estão vivas hoje e das que viverão amanhã, jamais podendo inviabilizar a vida das gerações futuras, o que não procede com a atuação de uma mineradora e para complementar, observa-se que são mínimos os

entrevistados que acreditam que existe algum incentivo ou contribuição na área citada.

Tanto no aspecto social quanto cultural, foi possível perceber a existência de projetos desenvolvidos pela citada empresa, que atende a sociedade jacobinense, entretanto justificado pela maioria dos entrevistados é insatisfatória a disponibilidade e frequência das realizações de tais projetos. São projetos com ideias riquíssimas, mas, que ao se estimar a grandeza da empresa, multinacional, reconhecida mundialmente e que trabalha com um mineral de relevante valor no mercado, acabam se tornando raras e pequenas.

Em vista tudo isso, acaba se descaracterizando o Desenvolvimento Local na cidade do Ouro relacionado à mineradora, embora alguns aspectos se sobressaíam outros não conseguem nem despontar, extrai-se então da pesquisa realizada que em Jacobina – Bahia não existe Desenvolvimento Local pautado pela Mineradora, atual Yamana Gold, implantada em Jacobina há cerca de 36 anos, o que na verdade existe e sem dúvidas é um Desenvolvimento Econômico aquecido e favorecido pela multinacional.

Foi perceptível também, nas respostas dos entrevistados, que o que falta na cidade para que se alcance um Desenvolvimento Local e efetivo é uma gestão aplicada, capaz de se comprometer com a população e com o DL, onde todos saem beneficiados, não apenas o desenvolvimento econômico como é o caso atual da cidade. Usando uma frase já mencionada, citada por um dos entrevistados, “Jacobina é rica”, com potencialidades naturais, além do ouro, possui um ecossistema belo que merece ser explorado, trilhas, cachoeiras conhecidas regionalmente, parque ecológico, lugarejos entre outros, potencialidades essas que podem e devem ser aguçadas.

Pôde-se verificar como ainda é gritante a maneira como Jacobina necessita da mineradora e a tem como principal, se não único, pilar de sustentação da cidade, a maior parte dos entrevistados acreditam que a cidade sofrerá consequências, em grande ou pouca relevância, num possível fechamento da empresa em questão.

Por isso, ressalta-se aqui uma das importâncias deste trabalho, mostrar cientificamente a necessidade do município possuir outras fontes de

desenvolvimento para que não ocorra como outras vezes no passado, onde a mineração teve um declínio ocasionando fechamento e a cidade ficou a mercê, colocando em cheque todo o desenvolvimento até então conseguido, fazendo com que todos os segmentos da sociedade sofressem as consequências. Opções existem, precisam urgentemente ser analisadas para que possa se tornar uma realidade próxima.

Concluimos desta maneira que independente de qual seja a abordagem de potencialidade, não basta que resulte em um desenvolvimento econômico, onde poucos se favorecem, é necessário um Desenvolvimento pensado e planejado estrategicamente no Local e para o local, que supra a necessidade de todos, ou pelo menos da maioria, favorecendo emprego, educação, lazer e consequentemente melhorando a qualidade de vida da população, o que se peregrinar fazendo jus a teoria além de lucros modificara dada sociedade, para melhor.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010)**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=291750>> Acesso em 02 de fevereiro de 2016.
- BROSE, Markus. Avaliação em projetos públicos de desenvolvimento local: o caso do Projeto Pró-renda no Rio Grande do Sul. In: FISCHER, T. (org) **Gestão do desenvolvimento e poderes locais: marcos teóricos e avaliações**. Salvador: Casa da Qualidade, 2002.
- CASAROTTO, Nelson Filho. PIRES, Luis Henrique. **Redes de Pequenas e Médias Empresas e Desenvolvimento Local**. São Paulo: Atlas, 2001.
- FARIAS, Sara Oliveira. **Enredos e tramas nas minas de ouro em Jacobina**. Recife: UFPE Ed. Universitária, 2008.
- FERREIRA, Jurandyr Pires. (Org.) **ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS**. IBGE, 1958.
- FRANCO, Augusto De. **Porque precisamos de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável**. 2.ed. Instituto de Política Milenium, 2000.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004.
- KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa : guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010. 88p.
- KRONEMBERGER, Denise. **Desenvolvimento Local Sustentável: Uma Abordagem Prática**. SP: SENAC, 2011.
- LE MOS, Doracy Araújo. **Jacobina Sua História e Sua Gente**. Jacobina, 1995.
- MARTINELLI, Dante Pinheiro. JOYAL, André. **Desenvolvimento Local e o Papel das Pequenas e Médias Empresas**. Barueri- SP: Manoel, 2004.
- MARTINS, Sérgio Ricardo de Oliveira. Desenvolvimento Local: questões conceituais e metodológicas. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. Vol 3. N.5, p.51-59. 2002.
- OLIVEIRA, Eliana Santos de. SOUZA, Flávia Santos. Monografia - **A Desapropriação do Povoado de Canavieira no Município de Jacobina (Ba): Um Estudo Perceptivo de Seus Moradores**. 2013, Ba. UNEB Campus IV, 2013.
- OLIVEIRA, Francisco de. **Aproximações ao enigma: o que quer dizer desenvolvimento local?** São Paulo, Pólis; Programa Gestão Pública e Cidadania/EAESP/FGV, 2001.

OLIVEIRA, Raphael R. De Filho. Tese de doutorado, **Os Negros em Jacobina (Bahia)**. PUC/SP, 2006.

SANTOS; Ivaneide Silva dos. **Indústria de Bolsas em Serrolândia – Ba e os (des) Caminhos para o Desenvolvimento Local Sustentável**. Dissertação de pós-graduação, Santo Antônio de Jesus – Bahia, 2009. Disponível em <livros01.livrosgratis.com.br/cp110660.pdf> Acesso em 15 de março de 2016.

SILVA, Orley Germano da. **O Desenvolvimento Local e a Micro - região de Jitaúna- Bahia: Educação e Turismo Como Alternativas ao Coronelismo e a Monocultura Cacaueira**. Dissertação, Unifacs- Bahia, 2008.

SILVA, Paulo Guimarães. Trabalho de Conclusão de Curso. **A utilização de diversas mídias nas aulas de matemática em escolas municipais de Jacobina, Bahia, para uma aprendizagem mais significativa no Ensino Fundamental**. Universidade do Estado da Bahia – UNEB: Senhor do Bonfim, 2011.

SIMPOSIO SOBRE O OURO (1976: OURO PRETO). **XVII Semana de Estudos: Simpósio sobre o ouro**: 15 a 18 de agosto de 1976. Ouro Preto, MG: Soc Interc Cult Est Geol, 1977.

TEIXEIRA, Cid. **Mineração na Bahia. Ciclos históricos e panorama atual = Mining in Bahia: historic cycles and current situation**. SUPERINTENDÊNCIA DE GEOLOGIA E RECURSOS MINERAIS. BA-Salvador, SGM 1998.

Uma análise comparada de experiências de desenvolvimento econômico local no Brasil. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/inter/v10n2/v10n2a08>. Acessado em 21.10.2015.

VASCONCELOS, Katiane Silva, COSTA, Aroldo Filho.. Monografia – **O comercio Jacobinense pós-fechamento da J.M.C.: perspectiva do setor varejista na ótica do SEBRAE uma analise do biênio 2001/2002**. 2003, Ba. UNEB Campus IV.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Título do trabalho: INFLUÊNCIA DA MINERADORA NO DESENVOLVIMENTO LOCAL NA CIDADE DE JACOBINA – BAHIA.

Dados do pesquisador:

Orientadora: Jorima Valoz

Equipe Executora:

Nome: Angela de Souza Carvalho.

Endereço: Lt. Manoel Félix da Rocha, Qd-B, Nº 220, Mundo Novo. Cel.: (74) 9 9129-6566.

Nome: Naiara de Moraes França Angelo

Endereço: Rua 01, Bloco 05, Nº 01 Lagoa Dourada. Jacobina – BA Cel: (74) 9 91438475.

Justificativa da Pesquisa:

O Desenvolvimento Local – DL tem suas manifestações no decorrer da história humana, uma vez que todo desenvolvimento é local (FRANCO, 2000). Alguns autores atrelam o desenvolvimento local totalmente a economia, outros apontam como apenas uma melhoria na qualidade de vida, outros ampliam as visões mostrando que apenas a soma das vertentes, econômica, social, cultural e ambiental, conseguiriam de fato se consolidar num DL.

Deste modo com o propósito de realizar uma análise sobre a cidade de Jacobina- Bahia, onde colocaremos em relevância o seu desenvolvimento a partir da mineradora (atual JMC), tentaremos questionar esse desenvolvimento confrontando-o com as ideias pertinentes ao conceito. “A mineradora, traz um desenvolvimento Local, real e efetivo para a cidade de Jacobina-Bahia?”.

Buscaremos assim, entender de que forma a Jacobina Mineração e Comercio S/A- JMC- contribui ou não, para o desenvolvimento local da cidade de Jacobina, optando por defender um modelo de desenvolvimento local distanciado de uma visão unitária, de cunho político partidário, que almeje apenas um desenvolvimento econômico, e sim, pautado num conjunto de fatores que com a participação social leve um determinado local a uma melhoria na qualidade de vida igualitária além, é claro, do crescimento econômico.

Para a coleta dos dados solicitamos que você responda algumas questões que estão no roteiro-guia. Nesta entrevista, iremos lhe perguntar, de forma breve e objetiva, qual a contribuição da jacobina mineração para o desenvolvimento da cidade de Jacobina e para o seu comércio. Para captarmos todos os dados, se possível gostaríamos de gravar o procedimento, caso contrário é necessário que você responda um questionário com perguntas subjetivas e objetivas.

Temos consciência que o procedimento pode causar certo desconforto, no entanto, pedimos sua colaboração e garantimos que sua identidade será preservada, bem como os dados coletados não trará implicações pessoais ou profissionais, além de que você poderá desistir de dar a entrevista a qualquer momento sem provocar qualquer inconveniência.

Os resultados obtidos com a execução da entrevista serão transcritos detalhadamente para serem analisados. As conclusões obtidas com a investigação além de serem publicados na forma de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), poderão servir de subsídios teóricos e metodológicos para outras pesquisas sobre o tema.

Depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade das informações por mim fornecidas através de uma entrevista gravada ou por meio de um questionário especificada neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), eu, _____ **autorizo**, através do presente termo, as pesquisadoras do trabalho de conclusão de curso (TCC) citadas acima, realizar os procedimentos que se façam necessários sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização dos dados coletados para estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor do Projeto, acima especificado, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos de personalidade (Código Civil, Lei N.º 10.406/2002).

_____, ____ de _____ de 20____

Sujeito da pesquisa

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS COMERCIANTES.**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB****COLEGIADO DE GEOGRAFIA****TÍTULO DO TRABALHO:** DESENVOLVIMENTO LOCAL - UMA VISÃO SOBRE A MINERADORA NA CIDADE DE JACOBINA - BAHIA**ENTREVISTADORAS:** Angela de Souza Carvalho; Naiara de Moraes França Angelo.**Questionário**

Nome do estabelecimento: _____

Proprietário/ Gerente: _____

Data de abertura: ____/____/____

- 1. Seu comércio estava aberto em 1997 quando a Mineradora fechou pela primeira vez?**

() Sim () Não

- 1.1 Se sim, o que você conseguiu perceber de mudanças na cidade em geral, especialmente no comércio?**

- 2. A Mineradora influenciou em seu negócio de alguma maneira?**

() Positivamente () Negativamente

- 2.1 De que modo?**

- 3. Você acredita que a Mineradora (atual Yamana) trás benefícios para o desenvolvimento da cidade de Jacobina?**

() Sim () Não

4. Em sua opinião, a mineradora em Jacobina contribui para:

- () Melhorar a qualidade de vida da comunidade
- () Geração de emprego
- () Desenvolvimento da cidade
- () Crescimento da cidade
- () Aumentar a renda da população
- () Investimentos sociais
- () investimentos ambientais
- () Dinamizar a economia local

5. Dentro das dimensões abaixo, na qual você acredita que a Yamana afeta mais:

- | | | |
|-----------|-------------------|-------------------|
| Ambiental | () Positivamente | () Negativamente |
| Social | () Positivamente | () Negativamente |
| Econômico | () Positivamente | () Negativamente |
| Cultural | () Positivamente | () Negativamente |

6. Você acredita que a Mineradora busca contato com agentes externos à empresa (políticos, sociedade e civil), na busca por um desenvolvimento coletivo da cidade?

- () Sim () Não

7. E hoje, você acredita que se a mineração viesse a fechar aconteceria algum impacto no comércio e na cidade?

- () Sim () Não

7.1 Por quê?

APÊNDICE C- QUESTIONÁRIO APLICADO AOS MORADORES.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

COLEGIADO DE GEOGRAFIA

TÍTULO DO TRABALHO: DESENVOLVIMENTO LOCAL - UMA VISÃO SOBRE A MINERADORA NA CIDADE DE JACOBINA - BAHIA

ENTREVISTADORAS: Angela de Souza Carvalho; Naiara de Moraes França Angelo.

A – **SEXO:** () MASCULINO () FEMININO

B – **IDADE:** 40 - 45 anos () 46 – 51 anos () 52 - 57 anos () 58 – 64 anos () de 65 anos acima.

C – ESCOLARIDADE:

- | | |
|----------------------------|--|
| () Não alfabetizado(a) | () Fundamental completo (1ª a 8ª série) |
| () Fundamental incompleto | () Médio completo (1º ao 3º ano) |
| () Médio incompleto | () Superior completo |
| () Superior incompleto | () Não estuda |

D – **TRABALHA?** () Sim () Não

E- RENDA FAMILIAR:

- | | |
|-----------------------------|-----------------------------|
| () Menos de R\$ 880,00 | () R\$ 880,00 a 1.320,00 |
| () R\$ 1.330,00 a 2.640,00 | () R\$ 2.650,00 a 3.000,00 |
| () Acima de R\$ 3.000,00 | |

QUESTIONÁRIO

1. Você acredita que a Mineradora (atual Yamana) trás benefícios para o desenvolvimento da cidade de Jacobina?

2. Você estava em Jacobina no ano de 1997 quando a Mineradora fechou pela primeira vez?

Se sim, o que você conseguiu perceber de mudanças na cidade em geral?

3. A Mineradora de alguma maneira interfere em sua vida? De que modo?

4. Em sua opinião, a mineradora em Jacobina contribui para:
 - Melhorar a qualidade de vida da comunidade
 - Geração de emprego
 - Desenvolvimento da cidade
 - Crescimento da cidade
 - Aumentar a renda da população
 - Investimentos sociais
 - Investimentos ambientais
 - Dinamizar a economia local

5. Você acredita que a Mineradora busca contato com agentes externos à empresa (políticos, sociedade e civil), na busca por um desenvolvimento coletivo da cidade?

6. E hoje, você acredita que se a mineração viesse a fechar aconteceria algum impacto na cidade?